

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA**

**SHEILA APARECIDA GARCIA LEITE**



**E O ÓSCAR VAI PARA... ELISABETE HART:  
VIVÊNCIAS DE UMA INTÉRPRETE DE CONFERÊNCIAS**

**Uberlândia/MG**

**2021**

SHEILA APARECIDA GARCIA LEITE

E o Óscar vai para... Elisabete Hart:  
vivências de uma intérprete de conferências

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marileide Dias Esqueda

Uberlândia/MG

2021

SHEILA APARECIDA GARCIA LEITE

E o Óscar vai para... Elisabete Hart:  
vivências de uma intérprete de conferências

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marileide Dias Esqueda.

Banca de Avaliação:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marileide Dias Esqueda  
Orientadora

Prof. Me. Christiano Sanches do Valle Silva – PUC/Rio de Janeiro  
Examinador

Prof. Dr. Ariel Novodvorski – ILEEL/UFU  
Examinador

Uberlândia/MG, 26 de outubro de 2021.

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marileide Dias Esqueda, por ter aceitado ser minha orientadora e por ter me incentivado com muita sabedoria a desenvolver este trabalho de conclusão de curso.

A todos os meus professores, de todas as fases da minha vida, especialmente os docentes do curso de Tradução da Universidade Federal de Uberlândia.

À intérprete Beatriz Velloso, que com presteza concedeu todas as informações solicitadas.

Aos intérpretes Suzana Mizne, Anna Vianna e Robert Greathouse, por terem me reconhecido como aluna-pesquisadora e por terem se disponibilizado a responder as entrevistas.

Ao jornalista Eric Hart, filho de Elisabete Hart, cujas informações fundamentais possibilitaram reflexões e ordenamentos dos fatos que resultaram no registro parcial da biografia de Elisabete Hart.

Sinto-me honrada pela oportunidade de concretizar este trabalho monográfico.

## RESUMO

A interpretação em línguas orais, realizada em tempo real, é uma prática que possibilita, desde os primórdios, a comunicação e a interação entre pessoas de comunidades linguísticas distintas. Com a globalização, essa necessidade de comunicação e interação entre diversas comunidades linguísticas e áreas aumentou consideravelmente. Todos os dias acontecem eventos, negociações, congressos e apresentações, de pequeno e grande porte, viabilizados pelos intérpretes. Esta pesquisa apresenta, de maneira concisa, os tipos e modalidades de interpretação, incluindo a prática remota atual, que se fortaleceu no mercado, com o avanço tecnológico e em decorrência da pandemia da Covid-19. Além disso, buscou-se situar o estabelecimento da profissão no Brasil, por meio da biografia da intérprete Elisabete Hart. Assim, este trabalho reflete sobre as práticas utilizadas por essa intérprete, principalmente aquelas vinculadas às teorias da área que tratam dos aspectos distintivos da profissão. O título “E o Óscar vai para, Elisabete Hart” pretende reconhecer a excelência do trabalho realizado pela intérprete, identificando aspectos de sua vida profissional que contribuíram para a área de interpretação. A elaboração desta pesquisa almeja apresentar a materialidade refletida nas ações da intérprete, contribuindo com a historiografia da Interpretação.

Palavras-chave: Estudos da Interpretação. Interpretação Simultânea. Intérprete Simultâneo. Elisabete Hart.

## **ABSTRACT**

Interpretation of oral languages, performed in real time, is a practice that has enabled communication and interaction between people from different language communities since the dawn of time. With globalization, this need for communication and interaction between different language communities and areas has increased considerably. Everyday there are large and small events, negotiations, conferences, and presentations, made possible by interpreters. This research concisely presents the types and modes of interpreting, including the current remote practice, which widespread in the market with technological advances and because of the Covid-19 pandemic. Additionally, it addresses the establishment of the profession in Brazil, through the biography of the interpreter Elisabete Hart. Thus, this study reflects on the practices used by this interpreter, especially those linked to the theories of the field that deal with the distinct aspects of the profession. The title "And the Oscar goes to, Elisabete Hart", intends to recognize the excellence of the work done by the interpreter, identifying aspects of her professional life that contributed to the field of interpretation. This research aims to present the materiality reflected in the interpreter's actions, contributing to the historiography of Interpretation.

Keywords: Interpreting Studies. Simultaneous Interpreting. Simultaneous Interpreter. Elisabete Hart.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

- Figura 1 - Foto de Maria Elisabete Figueiredo Hart que acompanha a notícia intitulada “Morre a intérprete Elisabete Hart.. ..... 12
- Figura 2 - EH na cabine de interpretação simultânea durante as conferências da XXI Reunión de Técnicos de Bancos Centrales del Continente Americano de 1984.....29
- Figura 3 - EH entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e Asma Jahangir, relatora especial do alto comissariado de direitos humanos da ONU – Organização das Nações Unidas (2003).....31
- Figura 4 - EH nos estúdios da emissora de TV Rede Globo durante a transmissão da Guerra do Golfo (1991)..... 32

### QUADROS

- Quadro 1 - Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH em consonância com a literatura da área (vídeo 1).....37
- Quadro 2 - Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH em consonância com a literatura da área (vídeo 2).....38
- Quadro 3 - Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH em consonância com a literatura da área (vídeo 3).....41
- Quadro 4 - Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH em consonância com a literatura da área (vídeo 4).....43

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. PERCURSOS METODOLÓGICOS: A ideia de pesquisar sobre Elisabete Hart.....</b>	<b>11</b>
<b>3. PERCURSOS TEÓRICOS: Alguns aspectos distintivos da profissão de intérprete.....</b>	<b>16</b>
3.1 Tipos de Interpretação.....	16
3.2 Modalidades de Interpretação.....	17
3.3 A profissionalização em Interpretação.....	19
3.4 Da profissionalização aos tempos atuais.....	24
<b>4. ASPECTOS DISTINTIVOS DA PROFISSÃO DE INTÉRPRETE A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE ELISABETE HART.....</b>	<b>26</b>
4.1 Último episódio.....	26
4.2 1970: a descoberta de uma intérprete de talento.....	27
4.3 O início da história de Elisabete Hart.....	34
4.4 Evidências dos aspectos distintivos da profissão de intérprete simultâneo a partir da atuação de Elisabete Hart.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>52</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>67</b>



## 1. INTRODUÇÃO

A interpretação é uma prática tão antiga quanto a necessidade de comunicação e interação entre os povos. A mais antiga referência à interpretação parece ser um hieróglifo egípcio (sistema de escrita formal usado no Antigo Egito) do terceiro milênio antes de Cristo, de acordo com Pagura (2003). Há muitos registros da prática da interpretação na antiga Grécia e no Império Romano, na Idade Média e nas expedições exploradoras.

A tradução oral (WYLER, 2003), ou interpretação, como é atual e cientificamente denominada, possibilita a comunicação e interação entre pessoas de comunidades linguísticas diferentes. Trata-se da realização, em tempo real, de transferências de discursos orais de uma língua para outra, que dependem de um profissional, o intérprete, para sua realização. O intérprete tem desempenhado esse importante papel nas mais diversas áreas e segmentos, sendo que sua formação tem evoluído constantemente ao longo do tempo. Um aspecto importante no trabalho do intérprete é a adaptação cultural de discursos, pois, além de transmiti-los de uma língua para a outra, o intérprete necessita conhecer os hábitos, os costumes e os aspectos orais típicos das línguas envolvidas no processo de interpretação.

O intérprete, além de ter desenvoltura e de se capacitar estudando sobre um determinado tema antes de desempenhar seu trabalho, lida com situações estressantes, adaptando-se às circunstâncias e submetendo-se, por vezes, a críticas. As críticas sobre o desempenho do intérprete nem sempre são feitas pelo público geral, mas por quem compreende a complexidade que envolve o trabalho de interpretação, isto é, os próprios intérpretes profissionais (MAGALHÃES, 2007).

Em geral, as críticas negativas não são pessoais e, sim, contra o próprio conceito de interpretação, que, por sua natureza de instantaneidade, seja na modalidade consecutiva, simultânea, intermitente ou à prima vista, suscita críticas. As reclamações seriam muito mais numerosas, porém, se não houvesse interpretação, isto é, se não fossem disponibilizados a um determinado grupo os discursos em sua própria língua (GREATHOUSE, 2021). No entanto, é necessário reconhecer que as críticas justificadas promovem melhorias nas condutas práticas.

Na década de 1950, com a necessidade do serviço de interpretação para a CECA – Comunidade Europeia de Carvão e Aço, Danica Seleskovitch deixou profunda impressão pelos serviços de interpretação prestados, lançando as primeiras

bases que fundaram as condutas práticas da profissão de intérprete, bem como as primeiras teorizações sobre a área. Em 1956, seu ingresso à escola de intérpretes de Sorbonne, em Paris, alterou significativamente os métodos de formação em Interpretação<sup>1</sup>. Danica Seleskovitch tornou-se um dos maiores nomes no ensino da interpretação e uma das mais conhecidas pesquisadoras da área. Nas palavras de Pagura (2003):

É Seleskovitch quem começa a refletir sobre o processo, vindo a desenvolver toda uma linha teórica sobre o assunto, a chamada “Teoria Interpretativa da Tradução” ou “*Théorie du Sens*” (Teoria do Sentido), conhecida em todo o mundo pelo seu nome original em francês. (PAGURA, 2003, p. 217).

Assim como Seleskovitch na França, são inúmeros, no Brasil, os intérpretes que fizeram história, fundando associações, estabelecendo e consolidando a área, com suas condutas práticas e teóricas. Porém, muitos desses profissionais e suas contribuições não são facilmente encontrados, dada a própria natureza oral das sessões de interpretação, que raramente são passíveis de registro ou compilação.

Ao se estabelecer uma comparação, podemos dizer que a tradução tem um registro e um tempo de execução diferentes; o tradutor tem tempo para pesquisar as terminologias, consultar materiais e o próprio texto original disponível indefinidamente, além de dialogar com colegas de equipe em busca de uma solução para alguma dúvida, até alcançar o que considera ideal. Pode ter urgência na execução, mas o ritmo de trabalho da tradução é mais lento que na interpretação, além do fato de que as traduções, por serem escritas, podem ser registradas e consultadas *a posteriori*.

Já na interpretação não há tempo para correções e revisões, pois sua execução é imediata e em tempo real. O produto da interpretação é evanescente. Uma vez executado, não há como ser revisado. Seleskovitch (1978, p.18 apud PAGURA, 2010, p. 228) ilustra esse fato citando o provérbio latino *scripta manent, verba volant* – a escrita permanece, a fala voa –, reiterando essa diferença. Ou, ainda, “O tradutor trabalha com a palavra escrita e o intérprete trabalha com a palavra falada.” (PAGURA, 2003, p. 210)

A tradição em historiografia da Interpretação no Brasil ainda é, então, insuficiente, estando disponíveis poucos pressupostos teóricos para seu

---

<sup>1</sup> Quando utilizada em letra maiúscula, a palavra Interpretação denota a área de Estudos da Interpretação. Quando utilizada em letra minúscula, referir-se-á à interpretação enquanto prática profissional.

embasamento, segundo Pagura (2010). Neste sentido, existe uma necessidade de se registrar a história da Interpretação, para que sejam disponibilizados aos profissionais interessados e aos estudantes em formação suas condutas práticas e seus preceitos teóricos.

Assim, esta monografia pretende resgatar e registrar o trabalho desempenhado por uma profissional que se destacou na área, principalmente por sua atuação numa emissora de TV brasileira, proporcionando acessibilidade aos telespectadores e visibilidade à profissão.

Trata-se da intérprete Elisabete Hart, que faleceu no ano de 2007, e cuja trajetória inspiradora nos conduz à reflexão das especificidades da profissão.

Por meio do registro das experiências profissionais de Elisabete Hart – um registro até então não realizado, pelo menos até onde se conseguiu averiguar –, espera-se refletir sobre a prática da interpretação no Brasil. O intérprete exerce um papel social de relevância, tendo em vista ser responsável por reconstruir discursos orais e torná-los acessíveis aos ouvintes de línguas diferentes daquelas em que foram originalmente produzidos, permitindo, assim, comunicações e interações entre os povos.

Por fim, esta monografia vem somar-se a outras que foram defendidas por alunos que também se interessaram pela área da Interpretação no âmbito do Curso de Tradução da Universidade Federal de Uberlândia, a saber: “The influence of domain knowledge on simultaneous interpreting tasks performed by students: An exploratory study of the interpreting process”, defendida por Cecília Franco Moraes, em 2018; “A interpretação em contexto religioso: um estudo exploratório”, defendida por Eliane Brito Soares, em 2015; “Um panorama das pesquisas da área da interpretação simultânea e consecutiva: teses e dissertações produzidas no Brasil (2003-2013)”, defendida por Thamyres Delfino Alves, em 2014; “O mercado (inconsciente) de interpretação na cidade de Uberlândia-MG”, defendida por Bruno Chaves Borja, em 2014.

Apesar de o curso de Tradução da Universidade Federal de Uberlândia oferecer a disciplina de Interpretação em apenas um período, tem despertado grande interesse para novas pesquisas.

## **2. PERCURSOS METODOLÓGICOS: A ideia de pesquisar sobre Elisabete Hart**

O meu interesse pelo tema iniciou-se nas aulas de Fundamentos da Interpretação, cursada no sétimo período do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Uberlândia.

Fiquei impressionada, durante as aulas, com a capacidade de processamento cognitivo que todos os intérpretes precisam ter em sua rotina de trabalho. Enquanto ouvem as mensagens sendo proferidas por um orador em uma determinada língua, eles imediatamente as proferem em outra língua, ao mesmo tempo em que outras mensagens estão “chegando” aos seus ouvidos e, também, ao mesmo tempo em que monitoram o que estão interpretando.

Como a maioria dos meus colegas, ao cursar as disciplinas de projeto de monografia, eu ainda não havia me decidido sobre o tema a ser estudado. Até que, em uma das aulas de Fundamentos da Interpretação, o trabalho exemplar de Maria Elisabete Figueiredo Hart, ou simplesmente Elisabete Hart (daqui em diante, EH), foi mencionado.

Pesquisei na internet sobre sua atuação e o que encontrei foram apenas artigos de jornais elogiando seu trabalho e, infelizmente, noticiando seu falecimento em 2007. Recordei-me de como gostava de assistir às cerimônias do Óscar e conferi que realmente eram lembranças que coincidiam com a interpretação feita por EH. Meu interesse foi aumentando e refleti a respeito por alguns dias, considerando que uma profissional de tão grande relevância para a categoria merecia ter sua história registrada, ou, pelo menos, parte da sua história.

Escrever sobre as vivências de EH, tendo em vista que a época do início de sua atuação coincide com o estabelecimento da profissão no Brasil, foi se tornando um tema de pesquisa. Esta monografia, portanto, tem início com a notícia do falecimento da intérprete, isto é, com o final de sua história, a única informação que detinha para começar meu projeto de monografia.

Figura 1: Foto de Maria Elisabete Figueiredo Hart que acompanha a notícia intitulada “Morre a intérprete Elisabete Hart”



Fonte: <https://www.teclasap.com.br/news-morre-a-interprete-elisabete-hart/>

Então, a ideia de pesquisar mais surgiu desse fato.

Em seguida, fui em busca de informações e materiais para consulta na Associação Profissional de Intérpretes de Conferência (APIC). Oficialmente, a informação que consegui foi a de que Elisabete Hart havia sido membro da associação desde 1982, tendo os idiomas de trabalho inglês e português A e espanhol e francês C<sup>2</sup>. Não havia outros registros ou materiais sobre o trabalho dela na APIC.

Paralelamente, entrei em contato com a empresa carioca VOX Intérpretes<sup>3</sup>, por ter lido uma publicação (Anexo 7) em que se refletia acerca do trabalho do intérprete simultâneo e na qual se prestava homenagem a EH. A intérprete Beatriz Velloso, dessa empresa, a quem devo meu reconhecimento e gratidão, contribuiu consideravelmente com informações que foram essenciais para esta pesquisa. Foi a primeira resposta positiva que me incentivou a enfrentar o desafio de seguir buscando informações.

Uma vez que não consegui artigos ou materiais impressos sobre EH para consultar, parti para a elaboração das perguntas para entrevistas, com o objetivo de obter as informações necessárias. As entrevistas foram direcionadas a intérpretes de referência no Brasil, que conheceram e trabalharam com EH e também a intérpretes que não a conheceram pessoalmente, mas que atuaram em eventos semelhantes.

---

<sup>2</sup> A APIC utiliza uma classificação internacional linguística (AIIIC) sobre os idiomas de trabalho, sendo A - idioma ativo, que significa que o intérprete fala muito bem (normalmente sua língua materna); B - significa que o intérprete tem o idioma ativo, que também se tem domínio; C - significa que para o intérprete o idioma é passivo, ou seja, ele traduz deste idioma para sua língua materna e não o inverso.

<sup>3</sup> <http://www.voxinterpretes.com.br/>

Além disso, busquei entrevistar membros de sua família para compreender um pouco mais da trajetória profissional de EH, e seu filho, Eric Hart, aceitou colaborar.

As entrevistas concedidas estão publicadas no website do GETTEC<sup>4</sup>, Grupo de Estudo e Pesquisa em Tradução, Tecnologia, Ensino e Cienciometria, liderado pela Profa. Dra. Marileide Dias Esqueda, ligado ao Curso de Bacharelado em Tradução e ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, e poderão ser consultadas por outros pesquisadores e talvez seguir sendo objetos de inspiração para outras pesquisas. As entrevistas também compõem os Apêndices 1, 2, 3 e 4 desta monografia. Uma vez que os respondentes concordaram em conceder as entrevistas e que houve a decisão de publicá-las para ampla divulgação junto à comunidade da área, não houve necessidade de submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia. Devo igualmente meu reconhecimento e gratidão aos intérpretes Anna Vianna, Robert Greathouse, Suzana Mizne e ao jornalista Eric Hart, filho de EH.

Foram muitas tentativas para conseguir outros materiais impressos ou em vídeo que pudessem ilustrar este trabalho. Foi possível encontrar vídeos no YouTube, dos quais utilizarei alguns trechos.

Um vídeo bastante ilustrativo diz respeito à Guerra do Golfo<sup>5</sup>, que ocorreu em 1991. A transmissão televisiva aconteceu ao vivo e foi um momento de grande tensão mundial, sendo exemplar o desempenho de EH, que se manteve calma e interpretou o diálogo entre o repórter do estúdio da CNN, nos Estados Unidos, e o correspondente da radio JCS, Alex Claude, que estava em Tel Aviv.

Encontrei, ainda, outro vídeo com o anúncio do fim da Guerra do Golfo<sup>6</sup> feito pelo presidente George Bush, em 27 de fevereiro de 1991, também interpretado por EH. O terceiro vídeo diz respeito à 70ª transmissão da Cerimônia do Óscar, de 1998<sup>7</sup>. O vídeo não está completo, pois é interrompido antes do prêmio de “Melhor Filme”, porém proporcionou recortes para análise. Trata-se da edição marcante que consagrou o filme *Titanic*, uma das maiores bilheterias da história do cinema, com 11 estatuetas (foram 14 indicações), com interpretação de EH. Escolhi dois trechos deste vídeo para analisar.

---

<sup>4</sup> Disponível em: [www.gettecpesquisas.wixsite.com/gettec](http://www.gettecpesquisas.wixsite.com/gettec)

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AUTZXWPFouQ>

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vw4lGu49-Eo>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VwEJhICpilM>

Assim, não poderei afirmar que a trajetória profissional de EH será aqui recontada na íntegra, mas espero que possa se tornar um instrumento para novas e mais abrangentes pesquisas, buscando beneficiar a coletividade.

De acordo com Oliveira (2011, p. 12-13), “Tão difícil quanto fazer uma biografia é analisar sua constituição. [...] escrever acerca da vida de alguém é inseri-la em um contexto histórico, em uma dimensão do tempo [...]”.

Não havia registros disponíveis ou acessíveis sobre EH. A elaboração desta monografia, cujo objetivo central foi identificar a trajetória profissional de EH, analisando os aspectos distintivos da profissão, deu-se através de depoimentos de outros intérpretes, que expuseram as dificuldades, angústias, motivações, e também os anseios da profissão. Alguns intérpretes conviveram com ela, outros, apesar de não a terem conhecido, atuaram nos mesmos eventos (ou tipos de eventos) em que ela atuou. Enfim, alguns aspectos de sua personalidade, sobre seu cotidiano, são retratados pelo depoimento de seu filho, Eric Hart, pois qualquer indivíduo, dentro de sua complexidade, constitui-se a partir das influências de aspectos não apenas profissionais, ao longo de sua profissão, mas também biológicos, familiares, afetivos e culturais.

O projeto fundador da pesquisa biográfica, segundo Delory-Momberger (2012), inscreve-se no quadro de uma das questões centrais da antropologia social, que é a da constituição individual e sua inserção em um contexto, além das representações que o indivíduo, ele ou ela, faz de si próprio e da maneira que se relaciona com os outros indivíduos. A pesquisa biográfica diferencia-se de outras pesquisas por introduzir a dimensão temporal de uma existência individual. Representa a trama da vida, entre o nascimento e a morte, e tem por finalidade apreender a singularidade de uma trajetória.

Como aluna-pesquisadora, posso afirmar que o tema de minha monografia se iniciou na disciplina de Fundamentos da Interpretação e, embora, desde sua escolha, não possa ser considerado neutra, limito-me a narrar sem julgamentos o resultado de minhas investigações. Para Delory-Momberger:

Presas entre a singularidade, de certa forma definicional de seu objeto, e a necessidade de uma formalização científica, a pesquisa biográfica deve elaborar instrumentos e métodos que lhe permitam não somente conciliar essas duas exigências, como também responder metodologicamente à questão que ela coloca teoricamente, a saber, a da fabricação “do mundo interior do mundo exterior”, da metabolização e da apropriação pelo indivíduo dos ambientes de toda sorte que são os seus. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 530).

Por meio de uma (breve) biografia, busco a resposta sobre quem foi a intérprete EH e o que nos ensina sua biografia. Assim, o objetivo geral deste trabalho, como antes apontei, foi o de identificar os aspectos da vida profissional de EH e suas contribuições para a área de Interpretação. Por meio da biografia da vida profissional de EH, busco, como objetivos específicos: identificar e analisar os aspectos identitários gerais da sua trajetória como profissional da interpretação; identificar e analisar os aspectos distintivos da interpretação simultânea, com seus princípios gerais (conhecimentos linguísticos, culturais e éticos), métodos (estratégias de preparação mediante a necessidade de cada sessão de interpretação) e técnicas de interpretação (*décalage* – *head start* – e término das últimas frases juntamente com o orador e utilização de recursos tais como a simplificação, redução ou omissão).

Assim, com a construção dos aspectos biográficos da trajetória profissional de EH, espero estimular o interesse de outros colegas, tradutores e intérpretes em formação, em elaborar novos trabalhos científicos e acadêmicos que consolidem a área, principalmente a partir de trabalhos biográficos. Há muitos profissionais dispostos a compartilhar suas experiências para solidificar a historiografia da interpretação, seja profissionais que atuaram desde uma época em que não se contava com tecnologia, e que fizeram parte de todo o processo evolutivo da profissão, seja profissionais que estão se formando atualmente.



### **3. PERCURSOS TEÓRICOS: Alguns aspectos distintivos da profissão de intérprete**

#### **3.1 Tipos de Interpretação**

Os intérpretes atuam não apenas em contextos diplomáticos e conferências, mas em missões, hospitais, fábricas, usinas, fazendas, prisões, florestas, arenas esportivas – onde quer que a intermediação linguística seja necessária.

A interpretação é um trabalho essencialmente oral, que demanda de conhecimentos linguísticos e culturais. Alguns tipos de interpretação podem ser: de conferência, comunitária, técnica e de tribunal.

A interpretação de conferência comumente ocorre em conferências internacionais, palestras e reuniões de grande abrangência e com elevado número de participantes. Os intérpretes que fazem a mediação neste tipo de evento necessitam ter grande domínio dos idiomas e das técnicas de interpretação que poderão utilizar. Além disso, devem estudar previamente em profundidade sobre o tema a ser abordado, pois geralmente quem participa deste tipo de evento, tanto orador como ouvintes, possui um grau de exigência maior por conhecer a fundo certas temáticas.

A interpretação comunitária acontece em ambientes mais restritos, onde geralmente imigrantes necessitam de uma intermediação para acessarem serviços médicos, hospitalares, educacionais, judiciários, entre outros. Os imigrantes buscam um novo país por diversos motivos, e a maioria deles não tem condições básicas de se estabelecer. Por essa razão, a interpretação comunitária se relaciona com questões humanitárias. Os intérpretes que atuam neste contexto precisam ter habilidade para lidar com a vulnerabilidade dos imigrantes e responsabilidade de prestar um serviço de qualidade, garantindo-lhes dignidade e respeito (ORIGUELA, 2014). É importante que o intérprete tenha sensibilidade e empatia pelo seu cliente, por estar vivenciando situações constrangedoras.

A interpretação técnica ou interpretação empresarial é utilizada em transações comerciais e exige que o intérprete tenha conhecimentos de vocabulário técnico específico de uma determinada área, como por exemplo medicina, engenharia, astronomia, tecnologia, dentre outras.

A interpretação de tribunal ou jurídica garante ao indivíduo que esteja residindo em um país estrangeiro o direito a um intérprete. É necessário um intérprete com

experiência, competência e formação profissional, o que envolve, de forma mais acentuada, as questões éticas, de acordo com Ginezi (2012). Porém é comum verificarmos que essa função é exercida por pessoas designadas por juízes apenas pelo conhecimento da língua estrangeira que possuem, especialmente quando não há tradutores e intérpretes juramentados disponíveis na localidade.

### 3.2 Modalidades de Interpretação

Nesses variados tipos de interpretação, e atendendo a cada situação, as modalidades de interpretação utilizadas pelos intérpretes podem ser: consecutiva, simultânea (incluindo a sussurrada), intermitente e à prima vista, sendo que cada uma delas possui suas características e, às vezes, submodalidades, com vistas a atender as especificidades do contexto.

A interpretação consecutiva, como o nome sugere, é realizada consecutivamente pelo intérprete logo após escutar um longo trecho do discurso ou partes dele. Durante o discurso, o intérprete toma notas e, ao assumir a palavra, reproduz de forma reduzida o discurso na outra língua, buscando concentrar-se em informações essenciais. O tempo de conferência é prolongado, tendo sido essa modalidade uma das mais utilizadas entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais e sendo ainda bastante usada em conferências compostas por pequenos grupos de pessoas, principalmente quando o evento envolve apenas dois idiomas. Segundo Pagura (2003):

É importante ressaltar também que a consecutiva tem papel preponderante no treinamento de intérpretes simultâneos, uma vez que nesse modo se desenvolvem as técnicas que serão fundamentais para o desempenho da simultânea, tais como a capacidade de compreensão e análise do discurso de partida. (PAGURA, 2003, p. 211)

A interpretação sussurrada também conhecida pelo termo “*whispered*”, em inglês, ou “*chuchotage*”, em francês, é realizada pelo intérprete ao se posicionar próximo de um ou dois ouvintes e interpretar simultaneamente a mensagem em outro idioma, de forma sussurrada. A interpretação sussurrada, de forma geral, é realizada a partir das técnicas de interpretação simultânea, porém sem a tecnologia para operacionalizá-la.

A interpretação intermitente usa a mesma técnica da interpretação consecutiva, todavia com trechos de falas mais curtos. Podemos dizer que é uma submodalidade

da interpretação consecutiva, por utilizar as mesmas técnicas, porém sem a tomada de notas. Pode ser usada em conferências e outros contextos como comumente acontece em contextos de diálogos, onde a intervenção do intérprete se faz necessária. Neste caso, é conhecida pelo termo interpretação dialogada ou *ping-pong*, em inglês.

A tradução à prima vista, ou *sight translation*, em inglês, é a leitura feita pelo intérprete na língua-alvo de um texto escrito na língua-fonte, para que o conteúdo possa ser compreendido pelo estrangeiro. Essa modalidade utiliza diferentes modos de realização e tem natureza híbrida, por sua ancoragem na matriz da linguagem escrita, como ponto de partida, e na linguagem oral, com ponto de chegada, de acordo com Sampaio (2017).

A interpretação simultânea acontece quando o intérprete ouve os comentários iniciais de uma conferência e reproduz o que foi assimilado após uma ou duas sentenças pronunciadas pelo orador. O término de sua fala acontece quase simultaneamente à fala original. Nessa modalidade, os intérpretes se isolam numa cabine de tradução simultânea, que atende aos requisitos de isolamento acústico e visualização do orador, propiciando uma comunicação eficiente. Nesse ambiente, o intérprete observa o orador enquanto escuta através de fones de ouvido e toma suas decisões. A reprodução da mensagem é feita através de microfones aos receptores na língua-alvo. É possível, nesse ambiente de uma ou várias cabines, fazer interpretação para vários idiomas ao mesmo tempo, desde que haja vários intérpretes com seus sistemas de som em suas cabines. É um trabalho de equipe, pois os intérpretes trabalham em duplas, que se revezam a cada 30 minutos. Muitas discussões e decisões são tomadas durante os eventos de grande escala, e o desafio dos intérpretes é reproduzir com harmonia e competência tais conteúdos. A prática desta modalidade é essencialmente desafiadora. A formação profissional para adquirir as habilidades específicas é solidificada na prática. De acordo com Pagura (2003):

A modalidade simultânea é a mais amplamente utilizada hoje em dia, embora só tenha se firmado no pós-guerra, com as necessidades surgidas no Julgamento de Nuremberg, em que se utilizaram quatro idiomas (inglês, francês, russo e alemão) e, quase que imediatamente a seguir, com a criação da Organização das Nações Unidas, onde se utilizam seis idiomas oficiais (inglês, francês, espanhol, russo, chinês e árabe). (...) Essa modalidade permite a tradução de uma mensagem em um número infinito de idiomas ao mesmo tempo, desde que o equipamento assim o permita. A interpretação simultânea não ocorre, de fato, simultaneamente à fala original, pois o intérprete tem necessidade de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão. Esse breve

espaço de tempo recebe o nome tradicional de “*décalage*”, termo francês usado em todo o mundo. (PAGURA, 2003, p. 211-212)

### 3.3 A profissionalização em Interpretação

Pagura (2010), em sua tese de doutoramento intitulada “A Interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros”, defendida em 2010 na Universidade de São Paulo, afirma que a formalização da profissão no Brasil deu-se lentamente, após a II Guerra Mundial, quando o país começa a sediar diversas reuniões, congressos e conferências internacionais sobre os mais variados temas. Como consequência, surgem os intérpretes autônomos, que foram os pioneiros da interpretação no Brasil:

Não havia um currículo preestabelecido e as disciplinas eram acrescentadas à medida que os cursos aconteciam. Poucas (ou quase nenhuma) eram as publicações existentes na época que discutissem ou refletissem sobre a formação de intérpretes para direcioná-las e ambas contaram muito com intuição e experiência pessoal. Não havia, obviamente, as facilidades de contatos internacionais dos dias de hoje, proporcionados pela Internet. (PAGURA, 2010, p. 167)

Segundo Pagura, por um lado, a intérprete simultânea Edith van de Beuque foi uma das profissionais que liderou um grupo de intérpretes, em 1960, determinando os requisitos para a profissão.

Por outro lado, os pioneiros no desenvolvimento de um programa para a formação de intérpretes foram os docentes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1968, e, em São Paulo, os docentes do Curso de Letras com habilitação em Tradutor-Intérprete da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Além disso, a professora e intérprete Ângela Levy criou o curso de formação em Interpretação na Associação Alumni, uma escola de idiomas também sediada em São Paulo.

A profissão formal de intérprete de conferências no mundo se firmou no início do século XX, com as Conferências de Paz realizadas em Paris, ao final da Primeira Guerra Mundial, e se consolida com a formação da Liga das Nações e com a Organização das Nações Unidas (ONU), que intensificou os congressos e reuniões científicas internacionais, devido à criação de diversos organismos internacionais, após a Segunda Guerra Mundial.

Nessa época, houve uma necessidade de mudança na prática da interpretação. Essa mudança representou uma ruptura: a interpretação simultânea passou a ser adotada como oficial, tomando lugar da modalidade consecutiva. Essa prática vinha sendo experimentada, porém não era difundida. As necessidades provocaram essa mudança, principalmente nos julgamentos dos crimes de guerra e nas reuniões da Organização das Nações Unidas (ONU). A profissão de intérprete simultâneo, “um ofício tão nobre e sofisticado, nasceu durante o julgamento das maldades dos nazistas, em Nuremberg”. (MAGALHÃES, 2007, p. 13)

De acordo com o relato de Ingrid Orglmeister, intérprete simultânea, publicado no website da APIC, a interpretação de conferências nos anos 1950 e início dos 1960 era muito esporádica:

Havia algumas grandes conferências no Hotel Quitandinha, em Petrópolis – no Copacabana Palace e no Hotel Glória, no Rio de Janeiro. Havia uma equipe de intérpretes de alto gabarito no Rio de Janeiro (a única no Brasil na época) sob a liderança de Edith van de Beuque. Conheci os colegas Carlos Peixoto de Castro, Sergio Albuquerque, Eric Drysdale, Luis Gardel, Marc Berkowitz, Ina de Mendonça, Sergio Campos Melo... Foram os pioneiros no Brasil. (ORGLMEISTER, 2021)<sup>8</sup>

Ingrid Orglmeister havia trabalhado vários anos na Europa, Estados Unidos e países da América Latina e fazia parte de um grupo de intérpretes em São Paulo, desde 1954. Faziam também parte deste grupo Jacqueline Branco, Mely Garroni, o Barão Nikolaus Karwinsky e outros intérpretes que se reuniam conforme a necessidade. Esses intérpretes atuaram durante o IV centenário da cidade e tinham outras profissões além da profissão de intérprete. Ulla Schneider fez parte do grupo em 1962, vinda da Escola de Intérpretes de Genebra, e no ano seguinte, Suzana Mizne, que também se formou na Escola de Intérpretes de Genebra, veio a integrar o grupo. Nesta época, teve início a conscientização e a divulgação da profissão, conforme relato de Orglmeister (2021).

Em 1971, oito intérpretes de São Paulo, a saber, Cecília Assumpção, Ingrid Orglmeister, Geneviève Pelisson, Jacqueline Lombard Branco, Nikolaus Karwinsky, Renata Lydia Hammoud, Suzana Mizne e Ursula (Ulla) Schneider, sentiram necessidade de se unir como classe e fundaram a APIC – Associação Paulista de Intérpretes de Conferência, nos moldes da AIIC – Associação Internacional de Intérpretes de Conferência, sediada em Genebra, na Suíça. Seu primeiro estatuto

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://apic50anos.org/como-comecou-a-interpretacao-simultanea-no-brasil-2/>

destacava a “finalidade de representar, proteger e defender os interesses da profissão e fiscalizar a qualidade profissional dos associados”, como relatou a intérprete Beatriz Velloso para o site da APIC (2021). Com o crescimento da associação e novos integrantes do Rio de Janeiro e Brasília, na década de 1980, a APIC adotou o nome que mantém até o presente – Associação Profissional de Intérpretes de Conferência. Atualmente, conta com membros de vários estados brasileiros, além de membros correspondentes em outros países. Tornou-se referência no setor por atuar de forma efetiva no mercado, congregando profissionais qualificados, com as mais diversas combinações linguísticas.

Embora o Brasil não seja considerado uma sede para os grandes eventos internacionais, alguns ocorreram aqui, fazendo uso da interpretação simultânea. Na década de 1970, um grande evento internacional, a conferência do Fundo Monetário Internacional realizada no Rio de Janeiro, contou com a presença de Danica Seleskovitch e Marianne Lederer, que foram recrutadas por Christophe Thiéry. Já na década de 1990, grandes eventos internacionais começaram a ocorrer no Brasil, como a “Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento”, em 1992, e o “Fórum Global”. De acordo com Pagura (2010):

Um enorme número de intérpretes esteve envolvido no evento. A parte “oficial” (ou seja, sob responsabilidade da ONU) teve a atuação de 20 intérpretes brasileiros, basicamente do Rio de Janeiro e de São Paulo, coordenados por Simone Troula, que trabalharam com os intérpretes da ONU, vindos de Nova York, Genebra e Viena. (PAGURA, 2010, p. 118).

Naquela época, a ONU não tinha o português entre suas línguas de trabalho, por isso a necessidade de contratar profissionais brasileiros. Entre esses profissionais estava EH. Foram muitos outros eventos que contaram com o trabalho eficiente das equipes de intérpretes brasileiros. Em 1997, foi realizada a conferência da ALCA – Área de Livre-Comércio das Américas, que contou com representantes de 34 países. Esse evento propiciou interação entre os 36 intérpretes (brasileiros) de português e os 36 intérpretes (de países latino-americanos) de espanhol, afirma Pagura (2010).

Como aponta Pagura (2010), em 2004 foi realizada a UNCTAD XI – *United Nations Conference on Trade and Development*; em 2005, a Cúpula América do Sul- Países Árabes e o FSM - Fórum Social Mundial<sup>9</sup>, com diversas edições posteriores;

---

<sup>9</sup> As três primeiras edições ocorreram em Porto Alegre sob a coordenação de Sérgio Xavier Ferreira e transcorreram normalmente. A quarta edição ocorreu em Mumbai, na Índia. A quinta retornou a Porto

em 2006, a 8ª Conferência das Partes da Convenção sobre a Diversidade Biológica, a 3ª Reunião das Partes do Protocolo de Cartagena e a II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora.

A profissão que nas décadas de 1950 e 1960 era considerada glamorosa, com o tempo passou a ser intermediada por empresas organizadoras dos eventos. Isso significou para os intérpretes um fator complicador, pois deixaram de ter contato direto com o contratante; os organizadores contratavam geralmente o menor valor cobrado, visando o lucro (PAGURA, 2010, p.126-127).

Não se pode comparar a qualidade do serviço entre os profissionais mais experientes e em constante treinamento com serviços prestados por leigos. Existe espaço no mercado para o novo profissional, mas desde que desenvolva as habilidades pertinentes. Isso demanda tempo e investimento. O fato é que os intérpretes passaram a trabalhar mais através das agências que são encarregadas de intermediar toda a parte burocrática.

Para Pagura, poucos intérpretes tiveram destaque devido à presença quase invisível desses profissionais. Todavia, dentre os profissionais que se destacaram pelo trabalho na mídia brasileira, podemos mencionar, além de Jacqueline Branco, que também foi uma das fundadoras da APIC, a biografada pela presente pesquisa, EH, que começou em São Paulo e depois mudou-se para o Rio de Janeiro, tornando-se um elo importante entre os intérpretes do Rio e de São Paulo (PAGURA, 2010).

A grande maioria do público leigo conhece apenas uma parte do trabalho do intérprete, através de eventos como o Óscar ou entrevistas em *talk shows*. O intérprete que realiza o evento acaba representando toda a categoria. É desafiador ser responsável por essa missão. Conforme afirma Robert Greathouse (2021), “poder representar a profissão dessa forma é uma honra e ser reconhecido é uma das melhores partes da profissão”.

A formação do intérprete simultâneo depende de um longo caminho a ser trilhado até ser reconhecido como profissional, segundo Schaitza (2017). Para adquirir a habilidade complexa de interpretar, é necessário praticar todas as partes do processo para gradualmente atingir o nível esperado. São múltiplas as atividades exigidas e é necessário um tempo para esse desenvolvimento. Os cursos especializados preveem uma dedicação entre um a dois anos. As condições a que um

---

Alegre e a comissão organizadora teve a ingênua ideia de inovar colocando intérpretes leigos voluntários. O resultado foi catastrófico. Somente em 2009 o FSM voltou a ocorrer no Brasil, em Belém.

intérprete se submete não são padronizadas, por isso é necessário desenvolver habilidades pertinentes à prática. Embora não haja consenso entre os estudiosos sobre a identificação desses componentes, é sabido que, para atingir o objetivo, o intérprete deverá continuar seu preparo de forma autônoma e contínua. A constância de suas práticas e a dedicação em solucionar cada situação apresentada ao longo de suas vivências irão estruturar sua atuação. É um aprendizado contínuo que compreende a competência linguística e a maturidade intelectual. Para Pagura (2010):

A formação de intérpretes na PUC-Rio refletiu, durante quase toda a sua existência, a prática brasileira, que é a de associar a formação de tradutores e de intérpretes à formação de professores nos cursos de Letras, que é, de fato, a mesma situação das outras instituições brasileiras que oferecem tal formação [...]. Só a partir de 2008 começou a oferecê-la como pós-graduação lato sensu, ainda ligada ao Departamento de Letras. (PAGURA, 2010, p. 165)

A formação em Interpretação está longe de ser aquela de um professor de línguas dos Cursos de Letras.

Segundo o modelo de esforços de Gile (2016), durante a interpretação o intérprete ouve um discurso, percebe a situação global na qual acontece a reunião, conceitua o que ouviu, ouve a continuação, enuncia o resultado de sua operação de conceituação, escuta o que ele próprio diz e verifica a correção de sua expressão. É impossível isolar esses esforços na prática porque são aspectos que fazem parte de um processo quase simultâneo. Nenhuma ação ocorre isoladamente e sim sobrepondo-se umas às outras. A energia mental é limitada, e interpretar pode consumir quase toda energia, por vezes requerendo mais do que se tem disponível.

Os modelos de esforços considerados com a hipótese da corda bamba assumem plena relevância, como uma ferramenta conceitual que explica as limitações cognitivas dos intérpretes e contribui para refletirmos sobre o produto da interpretação.

A interpretação é uma atividade cerebral tão complexa que tem sido tema de vários estudos científicos ao longo da história. Narly Golestani, líder do Laboratório de Cérebro e Linguagem da Universidade de Genebra, na Suíça, revela que a interpretação requer a coordenação de áreas cerebrais mais especializadas. Ela afirma que “a linguagem é uma das funções cognitivas humanas mais complexas”. E na interpretação essa função tem um grau de exigência mais elevado, uma vez que dois idiomas estão ativos simultaneamente. (Anexo 7)



O intérprete necessita compreender o todo, abrangendo tudo o que é dito. A “produção”, resultado da interpretação, depende de como ele ou ela consegue ser fluente e natural aos ouvintes. O público seleciona apenas a informação que lhe interessa. É importante considerar que o conhecimento extralinguístico do intérprete é menos abrangente do que o conhecimento dos envolvidos no evento, em se tratando de áreas específicas, como por exemplo, uma conferência sobre cirurgia robótica. A partir da prática o intérprete se especializa em algumas áreas.

### 3.4 Da profissionalização aos tempos atuais

Christiano Sanches do Valle Silva, em sua conferência intitulada “Efeitos da pandemia de Covid-19 no mercado, no ensino e na prática de interpretação”, proferida em 13 de abril de 2021, durante a I JATRADI – UFU (Jornada Acadêmica de Tradução e Interpretação da Universidade Federal de Uberlândia)<sup>10</sup>, explica que, atualmente, nota-se que um novo movimento de mudança está ocorrendo, provocado pela necessidade de se adequar à realidade, devido à pandemia do Covid-19. Uma pandemia de proporção mundial, que subitamente obrigou as pessoas a se isolarem e manterem distanciamento social, fez surgir novas práticas, que, embora já existissem, estão sendo adotadas na maior parte dos eventos, como a Interpretação Simultânea Remota, RSI (*Remote Simultaneous Interpretation*). Graças à evolução das tecnologias, algumas plataformas foram desenvolvidas para proporcionar essa nova prática que está sendo experimentada. Um novo desafio, que representa uma evolução na profissionalização dos intérpretes. Da mesma forma que no passado houve um período de adaptação, da interpretação consecutiva para a simultânea, a interpretação à distância ou interpretação remota também requer adaptação.

Anna Vianna (Apêndice 1), intérprete simultânea, acredita que a tendência foi acelerada pela pandemia, e investiu em equipamento e treinamento para RSI para atuar nesta nova realidade. Ela pensa que, no futuro, os eventos serão híbridos, pois com a RSI a economia é grande.

Robert Greathouse (Apêndice 3) relatou que, no último ano, mais de 80% dos trabalhos que realizou foram de forma remota. Acredita que os eventos híbridos se tornarão mais comuns após a pandemia e que alguns organizadores de eventos

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N3uXQXO-NHA>.

optarão por essa modalidade, sobretudo quando isso representar uma economia em custos de viagem e estrutura técnica – cabines, entre outros aspectos.

Com a globalização e o avanço tecnológico, os serviços de interpretação podem ser oferecidos e prestados em qualquer parte do mundo. Por ser uma profissão autônoma, é difícil fazer um panorama preciso sobre a qualidade do serviço e a atuação ética. Na mídia, somente os serviços de qualidade se estabelecem. Já em outros mercados, o panorama é bem delicado. Infelizmente há despreparo por parte de alguns intérpretes, que se estabelecem, mas prestam um serviço que deixa a desejar. Os usuários muitas vezes contratam os serviços da interpretação, somente para cumprir exigências da organização do evento. É comum a crença de que a interpretação não será satisfatória de toda forma. Com isso, a reputação dos intérpretes fica comprometida e os profissionais bem qualificados ficam impedidos de desmistificar essa crença.

A realização dos eventos presenciais, eventualmente, voltará a ocorrer no Brasil e no mundo, mas é certo que a opção da modalidade de interpretação remota continuará, pela otimização de tempo e de recursos.

Independentemente dos tipos, das modalidades, dos percursos de profissionalização, dos velhos e recentes desafios da profissão de intérpretes, que aspectos da trajetória profissional da intérprete Elisabete Hart mostram-se relevantes para refletirmos sobre a Interpretação?

## 4. ASPECTOS DISTINTIVOS DA PROFISSÃO DE INTÉRPRETE A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE ELISABETE HART

### 4.1 Último episódio

Maria Elisabete Figueiredo Hart foi uma intérprete de conferências que ingressou num mercado de trabalho que estava sendo criado no Brasil na década de 1970, e utilizou procedimentos que nos levam a reconhecer que ela refletiu muito sobre como desempenhar bem sua profissão. O que hoje, a partir dos anos 2000, configura-se como privilégio aos alunos dos cursos de Tradução e Interpretação, aprenderem nos livros e exercícios didáticos os desafios da prática profissional, EH vivenciou na prática.

A intérprete EH ficou conhecida por proporcionar acessibilidade e entretenimento aos seus ouvintes. Ela interpretava tanto do inglês para o português, quanto do português para o inglês, com total fluência e sem sotaque. Falava perfeitamente os dois idiomas. Tinha pronúncia e entonação corretíssimas, considerando-se as exigências da mídia, interpretando com riqueza de detalhes. Exerceu sua profissão com técnica, elegância e muita ética, revelando, assim, a importância do papel social que o intérprete desempenha.

O público ainda sente falta das transmissões internacionais interpretadas com sua voz. No leito do hospital, considerou aceitar um trabalho; o ânimo para interpretar permanecia, apesar de sua saúde estar muito abalada. Sua história terminou em outubro de 2007, com seu falecimento, aos 64 anos, mas seus feitos ficaram para sempre. Seu sepultamento foi no cemitério São João Batista, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, deixando uma multidão de admiradores e amigos, como aponta Ali Kamel (Anexo 4). Ela conviveu com uma doença grave, enfrentando-a com otimismo e garra. Entre curas e recidivas foram onze anos (Anexo 5). Lutou bravamente, mas não resistiu.

A partir da notícia de sua morte, pretendo reconstruir sua experiência individual, resgatando as contribuições que norteiam hoje a profissão. EH fez parte de um grupo que iniciou a história da interpretação no Brasil.

Ulisses Wehby de Carvalho (Anexo 1) descreve as características mais marcantes de EH, a saber, competência, elegância e profissionalismo e comenta

sobre a justa homenagem prestada pelo Jornal Nacional da emissora de TV Rede Globo.

Willian Vieira (Anexo 2) lembra que, por mais de 15 anos, ela recebeu elogios por sua pronúncia e entonação, e críticas, por traduzir cada detalhe da cerimônia do Óscar, incluindo as piadas feitas pelos oradores.

Em síntese, todas as notícias sobre sua morte fizeram referências às suas qualidades pessoais e competência profissional.

#### **4.2 1970: a descoberta de uma intérprete de talento**

Após viver alguns anos nos Estados Unidos, Elisabete Hart e sua família retornaram ao Brasil, por volta do ano de 1971. Vários eventos aconteciam no Brasil e a busca por intérpretes qualificados era intensa.

Ela também buscava por um trabalho em que pudesse aproveitar o conhecimento linguístico adquirido e fez os primeiros contatos com a recém-criada, e já mencionada, APIC - Associação Paulista<sup>11</sup> de Intérpretes de Conferência (Apêndice 4).

Na época da volta de EH ao Brasil, o panorama da profissão era de uma classe de profissionais que procurava se estabelecer. Ainda não havia locais adequados para a realização dos eventos, sendo que a maioria deles acontecia na Universidade de São Paulo, ou na sede de "A Gazeta", em clubes, hotéis, no Parque de Exposições e o Palácio do Anhembi (cf. site da APIC).

As cabines não eram projetadas para atender as necessidades dos intérpretes, e os treinamentos de novos intérpretes eram domésticos. O principal requisito era o conhecimento e o domínio de idiomas. Muitos intérpretes de talento foram pessoas que viveram em outros países e/ou filhos de embaixadores (Apêndice 4).

A intérprete Suzana Mizne e as colegas de profissão Cecília Assumpção e Ulla Schneider, montaram uma cabine de interpretação simultânea no apartamento de Cecília, em São Paulo, onde aplicavam os testes aos intérpretes, em busca de pessoas com talento para exercer a profissão. Não existiam ainda, oficialmente, profissionais formados e experientes, prontos para atuar (Apêndice 4).

---

<sup>11</sup> A Associação teve seu nome alterado posteriormente, devido à adesão de intérpretes de outros estados brasileiros, para Associação Profissional de Intérpretes de Conferência, conforme já mencionamos no item 2 desta monografia.

Thade Pilley, professor de interpretação, veio de Londres para a avaliação de novos talentos e estava presente na ocasião em que EH, no ano de 1973, fez o teste. Apesar de nunca ter feito nenhum curso nesta área, teve um desempenho impecável. Todos ficaram impressionados com a perfeição de suas interpretações. Falava inglês fluente, sem sotaque, e interpretava com perfeição. Tanto do inglês para o português quanto do português para o inglês. Ela era perfeitamente bilíngue. Tinha um dom natural que soube lapidar com muito trabalho e perseverança (Apêndice 4). Além dos idiomas inglês e português, que eram seus idiomas ativos nos dois sentidos, EH também trabalhou com os idiomas espanhol e francês. Porém, no caso dos idiomas espanhol e francês, interpretava diretamente para o português ou inglês. EH passou a ser membro da APIC em 1982.

Os aspectos distintivos da profissão podem então ser percebidos desde o início da carreira de EH. São várias as qualidades de um bom intérprete, como aponta o intérprete Robert Greathouse: eloquência, agilidade mental, curiosidade sobre os assuntos mais diversos, disciplina para estudar e se aperfeiçoar constantemente, boa capacidade de se relacionar com os colegas e postura profissional. Essas características constituíam a profissional EH. A rotina de preparo para um trabalho é quase sempre intensa, salvo nos casos em que o assunto já é conhecido. A pesquisa se inicia quando o trabalho é confirmado, e pode se estender até a poucos minutos antes de o evento começar – que é normalmente quando se conseguem maiores informações e insumos acerca das apresentações (Apêndice 3).

O trabalho de interpretação consistia (e consiste) em estudar constantemente e se preparar muito o tempo todo para ter um desempenho satisfatório. Muitas especificidades eram ensinadas pelos próprios envolvidos nos eventos, como membros do Congresso Nacional, médicos, administradores e dirigentes de empresas e organizações. O esforço para aprender e se qualificar era enorme, como recorda Suzana Mizne (Apêndice 4).

O bom desempenho do intérprete propiciou o reconhecimento e confiança em seus serviços. O mercado estava crescendo e as condições de trabalho foram se estabelecendo. A profissão se tornou valorizada, reconhecida e respeitada (Apêndice 4).

Com esse reconhecimento, as condições de trabalho eram deliberadas, assim como os honorários e toda a ética do trabalho. Os clientes passaram a reconhecer

que o intérprete trabalhava de forma imparcial e em caráter de confidencialidade e confiabilidade (Apêndice 4).

EH mudou-se para o Rio de Janeiro dois anos após voltar dos Estados Unidos e trabalhou no grupo chefiado por Edith van de Beuque. Essa mudança possibilitou que ela fosse um elo importante entre os intérpretes do Rio de Janeiro e de São Paulo (PAGURA, 2010, p. 141). Paralelamente, fazia traduções escritas como *freelancer* (Apêndice 2). Muitos autores consideram a tradução escrita muito útil na formação dos intérpretes (PAGURA, 2010; 2003).

Traduziu livros com grande interesse sobre os conteúdos, o que veio a enriquecer as traduções, pois suas construções eram bastante coerentes e coesas. Ela desenvolveu e aperfeiçoou essas habilidades, alcançando um alto nível de excelência (Anexo 4).

EH trabalhou durante as conferências do XXI Encontro de Técnicos do Banco Central do Continente Americano de 1984, que foi realizado em Montevideo.

Figura 2: EH na cabine de interpretação simultânea durante as conferências da *XXI Reunión de Técnicos de Bancos Centrales del Continente Americano* de 1984



Fonte: Acervo da família de EH

EH interpretou discursos de presidentes estrangeiros, eventos esportivos, sessões da ONU, debates entre candidatos à presidência dos EUA, com exatidão,

postura ética e imparcialidade. Os eventos eram longos e exaustivos. Ela sempre tinha o cuidado de estar bem informada previamente, estudando muito sobre o assunto a ser tratado (Apêndice 4). Eric Hart revelou que ela preparava glossários específicos, muitas vezes com as colegas da equipe com quem iria trabalhar na conferência. Atuou em inúmeros congressos de medicina, estudando muito as especificidades da área de cardiologia e oncologia, o que a tornou especialista neste tipo de interpretação técnica. Cabe lembrar que muitos desses trabalhos ocorreram antes do advento da internet, então era uma tarefa grande de pesquisa, de busca a dicionários, consultas aos organizadores das conferências para a elaboração dos glossários (Apêndice 2).

Atualmente, com a internet, sabemos ser possível acessar uma abundância de conteúdos sobre quaisquer assuntos. Robert Greathouse reitera que essa é a ferramenta mais poderosa que um intérprete pode ter hoje em dia. O segredo é estudar e nunca assumir um evento sem preparo da linguagem técnica e dos aspectos culturais que o envolvem, segundo Robert Greathouse e Anna Vianna (Apêndices 1 e 3).

Um trabalho muito significativo ocorreu quando EH e Suzana Mizne acompanharam o presidente do Brasil, João Batista de Oliveira Figueiredo, a Washington DC, nos Estados Unidos. Ronald Wilson Reagan era o presidente dos Estados Unidos em 1982, época da guerra das Malvinas. O trabalho durou alguns dias e elas interpretaram para os presidentes e também em reuniões dos presidentes com ministros, na Casa Branca. No Rose Garden (Roseiral da Casa Branca) havia jornalistas do mundo inteiro. As duas intérpretes também trabalharam em parceria nas reuniões da Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP), nos anos de 2005 e 2006. EH interpretava do inglês e Suzana Mizne do francês, além de terem realizado outros trabalhos em organizações internacionais, como por exemplo para a ONU, no Rio de Janeiro (Apêndice 4),

Entre diversos trabalhos, EH foi contratada pela ONU em 2003, durante a visita de Asma Jahangir, relatora especial do Alto Comissariado de Direitos Humanos da ONU. Luiz Inácio Lula da Silva era o Presidente da República do Brasil nesta época.

Figura 3: Entre o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e Asma Jahangir, Relatora Especial do Alto Comissariado de Direitos Humanos da ONU. Elisabete Hart atuou como intérprete durante toda a visita, contratada pela ONU, em 2003.



Fonte: Acervo da família de EH.

Grandes companheiros de trabalhos de EH, que merecem ser recordados por suas admiráveis atuações, foram: Sérgio Albuquerque, Sérgio Campos Melo, Ester Zubcof, também já falecidos (Apêndice 4).

EH atuou como intérprete simultânea na emissora de TV Rede Globo por 25 anos, graças à sua competência. A primeira atuação foi narrando ao vivo, em 1981, no dia 29 de julho, o casamento do príncipe inglês Charles com a princesa Diana. Em 1983, tornou-se intérprete do Óscar<sup>12</sup>. Foram tantas edições que sua voz permaneceu na memória de muitos que tiveram o privilégio de ouvi-la. EH tornou-se sinônimo do evento (Anexo 4).

EH também participou da primeira transmissão simultânea da guerra do Golfo em 1991, interpretando diretamente da *Cable News Network* (CNN), um canal de notícias estadunidense, através de televisão por assinatura (Anexo 2).

A interpretação de um evento que traz consequências desastrosas, como uma guerra, requer uma determinação e um profissionalismo muito grandes. Foram várias

<sup>12</sup> Segundo o Dicionário Caudas Aulete (<https://aulete.com.br/oscar>):

**ós-car**  
sm.

1. Cin. Prêmio concedido anualmente pela *Academy of Motion Picture Arts and Sciences* (Hollywood, EUA), a artistas, diretores e técnicos cinematográficos, americanos ou não, pelos filmes de cada ano julgados como melhores em diferentes categorias.

2. Estatueta representativa do prêmio.

3. Fig. Prêmio atribuído a alguém por um trabalho ou obra considerado excepcional.



as notícias por meio do Plantão do Jornal Nacional, da emissora de TV Rede Globo, sobre a Guerra do Golfo, que tiveram a atuação da intérprete EH. Ela se concentrava em transmitir os fatos que estavam ocorrendo em tempo real, possibilitando aos brasileiros o acompanhamento sobre os desdobramentos da guerra.

Figura 4: EH nos estúdios da emissora de TV Rede Globo durante a transmissão da Guerra do Golfo (1991)



Fonte: Acervo da família de EH

Nas décadas de 1970 e 1980, EH acompanhou várias visitas de autoridades ao país, como as de Henry Kissinger, Jimmy Carter, Ronald Reagan, Ted Kennedy, Princesa Anne, todas como contratada da ONU (Apêndice 2).

Em 1990, durante o Fórum Global, EH compôs a equipe de intérpretes juntamente com Sérgio Campos de Mello, Sérgio Albuquerque, Alberto Villares, Carola Junqueira, Ernesto Pasqualin, Camila Pereira Pinto, Clary Khalifeh e outros, coordenados por Simone Montgomery Troula, uma das principais coordenadoras de intérpretes (PAGURA, 2010, p. 118).

Anna Vianna conta que trabalhou com EH em alguns eventos. No início foi intimidador, segundo ela, pois EH era realmente excelente. Tinha profunda admiração e respeito por ela e a considerava “um dicionário ambulante”. Anna Vianna faz a interpretação do Óscar há 13 anos e considera que o evento é uma vitrine para a profissão, porque dá a oportunidade ao público leigo de conhecer o trabalho do intérprete. O preparo e a pesquisa são essenciais e, no caso do Óscar, o preparo é

mais longo e extenuante. Tal preparo se inicia cerca de três meses antes do evento, com pesquisas sobre os filmes, atores, diretores, montagem de tabelas e compartilhamento de informações com a equipe da emissora. Anna Vianna diz ser cuidadosa com sua saúde e evita se expor a riscos de acidentes (já que é ciclista), especialmente nos dias que antecedem a cerimônia. É difícil conseguir uma substituição para esse trabalho em um curto espaço de tempo. Além disso, ela faz aquecimento vocal todos os dias e uma hidratação mais cuidadosa nos dias que antecedem aos eventos. Durante a cerimônia do Óscar, toma apenas goles pequenos de água para evitar ir ao banheiro (Apêndice 1).

O preparo físico, a alimentação balanceada, o descanso e o planejamento do deslocamento até o local do evento, como lembra Robert Greathouse, devem ser muito bem observados. Dormir bem e evitar bebidas alcoólicas são condutas importantes para enfrentar o estresse do trabalho, que requer muitos esforços cognitivos, durante o processo (Apêndices 1 e 3).

O papel social desempenhado pelo intérprete, ao proporcionar acessibilidade ao grande público, através de um evento internacional, é, para Greathouse e Vianna, recompensador.

Ali Kamel escreveu em sua coluna do jornal "O Globo" que EH, durante a interpretação simultânea do Óscar, "tinha a capacidade de dar o tom certo, ter o *timing* que a televisão exige e ainda ter uma voz aveludada, muito agradável aos ouvidos" (Anexo 4).

O trabalho do intérprete geralmente se caracteriza por ser desempenhado em equipe, sendo, na maioria dos eventos, em duplas, cujos membros se revezam. É um trabalho discreto e raramente ganha destaque, o que reforça sua invisibilidade. São raras as ocasiões nas quais o intérprete é percebido, sendo que na mídia se destacaram EH e Jacqueline Branco (PAGURA, 2010 p. 141).

Atualmente, no Brasil, temos intérpretes de muito talento atuando nos mais diversos contextos. No caso da cerimônia do Óscar, excepcionalmente, a interpretação é feita de forma individual. Por haver apresentador e comentarista, que fazem seus comentários e análises, não é necessário que o intérprete atue de forma contínua, ficando com a parte dos discursos dos ganhadores do prêmio. No vídeo, que está em domínio público, da apresentação do Óscar de 1998<sup>13</sup>, pudemos conferir

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VwEJhICpilM>

que a emissora já atuava nesta dinâmica. Havia o apresentador Renato Machado, o comentarista Rubens Ewald Filho (1948-2019) e o cineasta/jornalista Arnaldo Jabor, além da intérprete EH.

EH sempre chegava antecipadamente à emissora com todo o conteúdo revisado, as versões do roteiro lidas, os filmes assistidos. Lia tudo o que fizesse referência ao cinema e aos participantes da premiação. Nos estúdios, tomava sua posição, colocava os fones de ouvidos, tendo acesso direto somente ao que era transmitido nos EUA. EH pedia para jamais ter acesso ao que iria ao ar (Anexo 4). Enquanto os comentaristas faziam suas análises, ela se concentrava no desenrolar do espetáculo, tendo uma compreensão ampla do que se passava no evento.

Segundo Pagura (2010, p. 49), foi “Dostert quem insistiu na importância de os intérpretes serem colocados de maneira a ver o que acontecia no recinto para poderem ter a compreensão global do que se passava, princípio básico da interpretação simultânea [...]”.

### **4.3 O início da história de Elisabete Hart**

Maria Elisabete Figueiredo Hart nasceu no Rio de Janeiro em 1943. Viveu em duas fases nos Estados Unidos. A primeira vez foi quando seu pai, que era da marinha, levou a família para viver um período por lá (EH tinha dois anos de idade). Retornaram ao Brasil dois anos depois, e EH frequentou colégios brasileiros em sua formação (Anexo 4).

Nunca teve formação acadêmica específica em Tradução e Interpretação. Formou-se como Normalista no Instituto de Educação no Rio de Janeiro e trabalhou como professora de português (Apêndice 2).

Conheceu o americano Earl Hart que era militar e biólogo no Brasil. Casaram-se e mudaram-se para Salt Lake City, nos Estados Unidos. EH tinha vinte anos na época. Tiveram dois filhos (Anexo 4). Nesta segunda vez morando nos Estados Unidos, vivenciou uma grande imersão cultural. Em Salt Lake City lecionou português na Universidade de Utah. O trabalho com a língua, seja a portuguesa ou a inglesa, esteve presente em sua carreira desde o início. Tão importante como conhecer a língua-fonte é conhecer a língua-alvo (Apêndice 2). Como professora de língua portuguesa, ela antecipadamente se preparou para exercer a profissão de intérprete.

Portanto, esses dois períodos em que morou nos Estados Unidos foram imprescindíveis para que ela adquirisse a fluência de *native speaker*, nas palavras de seu filho Eric Hart. Ela acreditava que a prática e a vivência eram fundamentais, e que o intérprete precisava conseguir “pensar em outra língua” para traduzir e interpretar com fluência. Algumas nuances culturais são adquiridas de forma inconsciente.

Anna Vianna (Apêndice 1) afirma que a vivência em outra cultura é essencial para a fluência. Assim como EH, ela também aprendeu o idioma “na vida”, tendo morado nos Estados Unidos na infância e depois na adolescência.

Robert Greathouse (Apêndice 3) é bilíngue de criação e também residiu nos Estados Unidos em várias fases de sua vida. Ele ressalta que a interface cultural e o contato com culturas estrangeiras são essenciais ao trabalho de interpretação, mas isso não significa que o bom intérprete precise morar no exterior. Através de estudo e contato com as culturas estrangeiras é possível entender as diferenças e ser um excelente intérprete.

O filho de Elisabete Hart, Eric Hart (Apêndice 2), nasceu em Salt Lake City e se formou em jornalismo audiovisual. Trabalha no Jornal Nacional da emissora TV Globo desde 1996, na Editoria Internacional, e tem em seu currículo uma passagem como Produtor/Editor no escritório da emissora TV Globo em Londres. Para ele, sua mãe sempre se preocupou com a clareza e a objetividade, em transmitir as informações de modo compreensível, levando em conta o público ao qual estava se dirigindo. O trabalho não se resumia em repetir em outra língua o que alguém estava dizendo, tinha que dar a entonação; o sentido era, realmente, *interpretar*.

Ele compartilhou fatos que possibilitaram a construção desta monografia sobre EH, características que constituíram a essência da personalidade de EH. Eric Hart conta que, em sua rotina, ela começava o dia lendo o jornal inteiro, assistia aos telejornais e lia muito, no sentido literal, sobre os mais diversos assuntos.

Além de uma base muito forte em história e conhecimentos gerais, ela sempre acompanhava o noticiário internacional.

Após as conferências, frequentemente saía com os colegas de trabalho. Era não só uma oportunidade para relaxar, mas também para trocar ideias com os intérpretes, que vinham de outros estados ou outros países.

Uma característica pessoal que Eric Hart revelou sobre sua mãe é que, como carioca legítima, tinha duas paixões: a escola de samba da Mangueira e o time do Flamengo. Foram, mãe e filho, muitas vezes ao Maracanã na era do jogador Zico, e

também desfilaram juntos na Mangueira. Eram as diversões preferidas para relaxar depois das tensões de uma semana de trabalho.

Para ele, o maior exemplo que sua mãe deixou foi a ética, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Era extremamente honesta e sincera, detestava a mentira por menor que fosse. A transparência e a sinceridade sempre foram marcantes, em casa ou em sua carreira. Profissionalmente, sempre brigou pela remuneração justa, pelas horas extras, pelas diárias em viagens, pelas condições de trabalho. Não aceitava cobrar abaixo da tabela para ganhar um contrato, nem cobrava mais só pelo fato de ter algum destaque pelos trabalhos na televisão. Pelo contrário, às vezes se queixava de não ter sido chamada para algum trabalho porque o organizador imaginou que ela cobrasse mais caro por conta disso.

O maior legado que deixou aos dois filhos e três netos foi a busca insaciável pelo conhecimento. Seus netos, como ela, adoram ler, têm prazer em buscar conhecimento.

#### **4.4 Evidências dos aspectos distintivos da profissão de intérprete simultâneo na mídia, a partir da atuação de Elisabete Hart**

Após ter retratado nas seções anteriores os aspectos distintivos da profissão de intérprete a partir de princípios gerais e métodos utilizados por EH, busco, nesta seção, tratar da operacionalização do ato de interpretar a partir de técnicas específicas utilizadas por EH.

Como já mencionado no Capítulo 2 desta monografia, foi possível encontrar três vídeos no YouTube, a partir dos quais podemos estudar a atuação de EH.

O primeiro vídeo diz respeito ao início da Guerra do Golfo, em 1991, ou seja, é um vídeo de um fato que ocorreu há 30 anos. Tem a duração de 16:57 minutos e é bastante ilustrativo. A transmissão aconteceu ao vivo e foi um momento de grande tensão mundial, pois alvos estavam sendo atacados enquanto o correspondente da radio JCS, Alex Claude, que estava em Tel Aviv, transmitia a notícia da primeira noite da guerra para o estúdio da CNN, nos Estados Unidos. Do estúdio da CNN, EH recebia a transmissão e interpretava para o telespectador brasileiro. Esse acontecimento despertou o interesse do público e a audiência das emissoras subiu consideravelmente.

Efetuei as transcrições das falas originais e das interpretações de EH utilizando o programa de legendagem *Subtitle Edit*, para que fossem geradas automaticamente as minutagens. Por questões de espaço, analisaremos apenas um pequeno recorte desse vídeo, com a finalidade de observar as técnicas utilizadas pela intérprete.

Quadro 1: Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH em consonância com a literatura da área (vídeo 1)

Fala original do reporter Alex Claude em espanhol	Interpretação de EH em português	Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH
1 00:04:46,626 --> 00:04:47,440 Ya podemos ahora.		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 1 segundo entre a fala original e a interpretação de EH.
	1 00:04:47,122 --> 00:04:48,448 Ao vivo, agora.	
2 00:04:50,843 --> 00:04:51,684 Como pueden ver ustedes,		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 1 segundo entre a fala original e a interpretação de EH.
	2 00:04:51,770 --> 00:04:52,668 Como os senhores veem,	
3 00:04:51,736 --> 00:04:53,538 a uno de nuestros compañeros,		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 1 segundo entre a fala original e a interpretação de EH.
	3 00:04:52,903 --> 00:04:54,213 aqui, um dos nossos companheiros,	
4 00:04:54,449 --> 00:04:58,516 donde están dando instrucciones para ponerse la máscara de gas.		Simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.
	4 00:04:56,434 --> 00:04:58,108 ele está recebendo instruções,	
	5 00:04:58,679 --> 00:05:00,369 para colocar a máscara de gás.	
5 00:04:59,939 --> 00:05:02,330 Pero está en el teléfono para decirnos.		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 1 segundo entre a fala original e a interpretação de EH.
	6 00:05:00,873 --> 00:05:03,290 Mas está ao telefone para nos informar,	
6 00:05:02,992 --> 00:05:04,938 A ver, lo que está sucediendo.		Simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.
	7 00:05:03,557 --> 00:05:04,964 o que está acontecendo.	
7 00:05:08,641 --> 00:05:12,218 El está en un cuarto cerrada, está pidiendo un punto.		EH descreve a cena enquanto tenta ouvir a narrativa. Em seguida continua a interpretação.
	8 00:05:05,110 --> 00:05:08,460	

	Vamos ver se conseguimos ouvir as informações para passar aos senhores.	
	9 00:05:10,910 --> 00:05:13,957 Ele está numa sala fechada, ele está pedindo um ponto.	
8 00:05:14,799 --> 00:05:18,411 Hubo una..., hay una explosión ahora, una explosión, otra explosión...		Término do trecho da interpretação praticamente junto com o orador.
	10 00:05:15,969 --> 00:05:19,183 Houve uma..., há uma explosão agora, uma explosão, outra explosão...	

Fonte: a autora

O segundo vídeo contém o anúncio do fim da Guerra do Golfo feito pelo presidente George Bush, em 27 de fevereiro de 1991. Foi em um plantão de notícias que entrou no ar em meio a uma partida de futebol. Da mesma forma, será utilizado um pequeno trecho.

Quadro 2: Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH em consonância com a literatura da área (vídeo 2)

Fala original do intérprete da CNN em espanhol	Interpretação de EH em português	Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH
1 00:00:21,203 --> 00:00:23,712 Me complace anunciar que a la medianoche de hoy,		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 1 ½ segundos entre a fala original e a interpretação de EH. Esse distanciamento da fala original é necessário para processar a escuta.
	1 00:00:22,630 --> 00:00:25,679 Eu tenho o prazer de anunciar, que a meia noite de hoje,	
2 00:00:25,560 --> 00:00:30,653 exactamente 100 horas después del comienzo de las operaciones terrestres		Utilização da <i>décalage</i> e simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.
	2 00:00:26,651 --> 00:00:28,557 exatamente 100 horas	
	3 00:00:28,925 --> 00:00:29,651 após,	
	4 00:00:31,379 --> 00:00:33,122 o início das operações terrestres	
3 00:00:32,003 --> 00:00:35,301 y seis semanas después del inicio de la Operación Tormenta del Desierto,		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 1 ½ segundos entre a fala original e a interpretação de EH.

	5 00:00:33,768 --> 00:00:35,160 e seis semanas após,	
	6 00:00:35,795 --> 00:00:38,101 o início das operação tempestade no deserto,	
4 00:00:36,014 --> 00:00:38,695 todas las fuerzas estadounidenses de la coalición		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH. Ela inicia a interpretação e se concentra na escuta, completando a informação no trecho seguinte.
	7 00:00:38,219 --> 00:00:39,016 todas as forças	
5 00:00:39,071 --> 00:00:40,009 suspenderán		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de menos de 1 segundo, porém completando a informação do trecho anterior.
	8 00:00:39,367 --> 00:00:41,952 dos Estados Unidos, da coalizão suspenderão	
6 00:00:41,803 --> 00:00:43,707 las operaciones de combate ofensivo.		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 1 segundo entre a fala original e a interpretação de EH.
	9 00:00:42,519 --> 00:00:45,488 as operações de combate ofensivas.	
7 00:00:44,717 --> 00:00:45,314 Ahora		Simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.
	10 00:00:45,944 --> 00:00:46,804 Agora,	
8 00:00:46,149 --> 00:00:47,524 Depiende del Irak		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH; Simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.
9 00:00:47,757 --> 00:00:52,249 si esta suspensión de la guerra, se puede tornar en un cesar el fuego.		
	11 00:00:48,183 --> 00:00:49,676 depende do Iraque	
	12 00:00:50,087 --> 00:00:53,477 saber se essa suspensão da guerra em terra	
	13 00:00:53,890 --> 00:00:55,734 poderá se transformar num cessar-fogo.	
10 00:00:54,470 --> 00:00:58,613 Y los términos de un cesar el fuego permanente incluyen lo siguiente:		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 1 segundo entre a fala original e a interpretação de EH;
	14 00:00:55,870 --> 00:00:58,269 E os termos de um cessar-fogo	
		Simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.



	15 00:00:58,999 --> 00:01:03,470 permanente incluem o seguinte: o Iraque deverá liberar imediatamente,	
11 00:00:59,295 --> 00:01:01,722 Irak debe liberar inmediatamente		
12 00:01:02,276 --> 00:01:04,723 a todos los prisioneros de guerra de la coalición,		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
	16 00:01:04,939 --> 00:01:07,892 todos os prisioneiros de guerra da coalizão,	
13 00:01:05,512 --> 00:01:07,731 a los nacionales de terceros países		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 4 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
14 00:01:08,193 --> 00:01:10,139 y a todos los civiles.		
	17 00:01:09,262 --> 00:01:12,479 cidadãos de terceiros países e a todos os civis.	
15 00:01:11,212 --> 00:01:15,225 Irak debe liberar a todos los kuwaitíes detenidos y encarcelados.		Término do trecho da interpretação praticamente junto com o orador.
	18 00:01:13,236 --> 00:01:16,872 O Iraque deverá libertar a todos os kuwaitianos,	
	19 00:01:17,498 --> 00:01:18,751 <i>detidos e aprisionados.</i>	

Fonte: a autora

O terceiro vídeo retrata a 70ª edição da Cerimônia do Óscar, exibido pela emissora de TV Rede Globo em 1998, ao vivo, diretamente da cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos. Trata-se da interpretação simultânea dos discursos feitos pelos profissionais que recebem o prêmio concedido anualmente pela *Academy of Motion Picture Arts and Sciences*, em Hollywood, nos Estados Unidos. Como os nomes dos ganhadores são revelados durante a cerimônia, seus discursos são feitos num clima de emoção e imprevisibilidade. A intérprete EH assistia aos filmes e pesquisava sobre os atores indicados ao prêmio, os diretores e todos os possíveis aspectos a serem abordados. Esse conhecimento proporcionava uma melhor compreensão. Como já mencionado, EH chegava com antecedência e organizava seu material de apoio em sua cabine. Como a interpretação exige muitos esforços cognitivos, EH tinha acesso direto e exclusivo ao evento, não interagindo com os comentaristas durante a

interpretação, para ouvir os discursos sem nenhuma interferência. Os comentaristas e críticos de arte, por sua vez, exercem também uma função importante, porém lidam com a previsibilidade.

Conforme exposto por Pagura (2003), na interpretação simultânea acontece a “*décalage*”, pois o intérprete necessita de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão. EH tinha muita habilidade na organização de sua expressão.

No quadro a seguir, exibiremos o discurso do ator Robin Williams (Anexo 8), pronunciado ao receber o prêmio na categoria de melhor ator coadjuvante no filme *Good Will Hunting*, em português “Gênio Indomável”.

Quadro 3: Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH em consonância com a literatura da área (vídeo 3)

Fala original do ator Robin Williams em inglês	Interpretação de EH em português	Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH
1 00:00:36,610 --> 00:00:37,270 Thank you!		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 4 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
2 00:00:40,242 --> 00:00:40,968 Ah, man!		
	1 00:00:41,481 --> 00:00:42,208 Obrigado!	Inversão de períodos para auxiliar a memorização das palavras originais pronunciadas por último pelo orador
3 00:00:42,356 --> 00:00:43,936 This might be the one time I'm speechless.		
	2 00:00:42,861 --> 00:00:43,720 Meu Deus!	
	3 00:00:44,372 --> 00:00:46,887 Eu acho que eu vou ficar sem palavras, pela primeira vez na vida.	
4 00:00:47,459 --> 00:00:52,169 Thank you so much for this incredible honor. Thank you for putting me in a category,		Simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.
	4 00:00:48,576 --> 00:00:49,654 Muito obrigada!	
	5 00:00:50,343 --> 00:00:52,226 Essa honra inacreditável.	
	6 00:00:52,570 --> 00:00:54,039 Numa categoria,	
5 00:00:52,614 --> 00:00:55,004 with these four extraordinary men.		

	7 00:00:54,630 --> 00:00:57,658 com quatro atores extraordinários. Muito obrigado!	
6 00:00:55,783 --> 00:00:59,055 Thank you, Ben and Matt -- I still want to see some ID.		Omissão: omissão da expressão <i>Thank you</i> por estar sendo pronunciada várias vezes.
	8 00:00:57,893 --> 00:01:02,956 Ben, Matt, eu quero ver sua carteira de identidade, para ver se vocês tem idade mesmo, são maiores.	
7 00:01:01,977 --> 00:01:04,931 Thank you, Gus Van Sant, for being so subtle you're almost subliminal.		
	9 00:01:03,878 --> 00:01:07,277 Gus, você é tão sutil que quase é subliminar.	
8 00:01:07,042 --> 00:01:11,775 I want to thank the cast and crew, especially the people of South Boston -- you're a can of corn, you're the best.		Simplificação e redução: expressão <i>you're a can of corn</i> , que faz referência a uma "bola fácil" de ser capturada no jogo de beisebol, foi interpretada como "Vocês são os melhores mesmo".
	10 00:01:08,104 --> 00:01:12,033 Eu quero agradecer a todo elenco, a equipe, o pessoal de South Boston.	
	11 00:01:12,291 --> 00:01:14,185 Vocês são os melhores mesmo!	
9 00:01:12,618 --> 00:01:12,883 I...		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH, evitando o falso começo do orador.
10 00:01:13,395 --> 00:01:16,490 I want to thank the Meshpucha Weinstein.		
	12 00:01:14,952 --> 00:01:16,045 Eu quero agradecer,	
	13 00:01:16,952 --> 00:01:19,483 O Meshpucha Weinstein. Mazel tov!	
11 00:01:17,588 --> 00:01:18,299 Mazel tov!		
12 00:01:19,454 --> 00:01:20,088 And I		Mantém a expressão na língua judaica, privilegiando a cultura, percebendo a intenção de Robin Williams
13 00:01:20,511 --> 00:01:25,097 I want to thank Marsha for being the woman who lights my soul on fire every morning.		
	14 00:01:22,045 --> 00:01:22,576 Márcia	

	15 00:01:23,933 --> 00:01:28,380 que é aquela mulher que sempre acende a minha alma, todos os dias. Muito obrigado!	
14 00:01:25,243 --> 00:01:26,071 God bless you.		Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 4 segundos entre a fala original e a interpretação de EH; redução da expressão <i>And most of all, I want to...</i> , por “principalmente”.
15 00:01:26,375 --> 00:01:28,117 And most of all, I want to		
16 00:01:28,656 --> 00:01:33,414 I want to thank my father, up there, the man who,		
	16 00:01:29,061 --> 00:01:31,462 E principalmente eu quero agradecer ao meu pai,	
	17 00:01:31,692 --> 00:01:32,688 que está lá em cima,	
17 00:01:33,961 --> 00:01:38,365 when I said I wanted to be an actor, he said, "Wonderful, just have a back-up profession like welding."		
	18 00:01:35,188 --> 00:01:41,351 que é o homem que quando eu disse que queria ser ator, ele disse: tudo bem, mas é melhor você aprender uma profissão decente como de soldador.	
18 00:01:40,388 --> 00:01:41,271 Thank you!		Término da interpretação junto com o orador.
19 00:01:41,547 --> 00:01:42,437 God bless you!		
	19 00:01:41,757 --> 00:01:44,093 Muito obrigado! Deus abençoe a todos!	

Fonte: a autora

No Quadro 4, temos o discurso da atriz Helen Hunt (Anexo 9), ganhadora do prêmio na categoria de melhor atriz, no filme *As Good as It Gets*, em português “Melhor é Impossível”.

Quadro 4: Aspectos distintivos da profissão de acordo com a atuação de EH em consonância com a literatura da área (vídeo 4)

Fala original da atriz Helen Hunt em inglês	Interpretação de EH em português	Aspectos distintivos da profissão a partir da atuação de EH
1 00:00:34,594 --> 00:00:37,571 The first time I saw "Mrs. Brown" - saw it three times.		

	1 00:00:36,402 --> 00:00:39,653 A primeira vez que eu vi "Mrs. Brown", eu vi três vezes,	Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH. Esse distanciamento da fala original é necessário para processar a escuta.
2 00:00:37,713 --> 00:00:42,265 The first time I saw it, I leaned over to my beloved and said: she's [Judi Dench] going to win a Academy Award.		
	2 00:00:39,683 --> 00:00:43,666 A primeira vez que eu vi, eu cheguei para o meu marido e disse: eu acho que ela vai ganhar o Oscar.	Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
3 00:00:42,749 --> 00:00:44,366 And in my mind tonight she has.		
	3 00:00:44,763 --> 00:00:47,010 E p'ra mim hoje, ela ganhou.	Simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.
4 00:00:44,977 --> 00:00:48,448 And so has Julie Christie, and so has Helena Bonham Carter, and so has Kate Winslet.		
	4 00:00:47,050 --> 00:00:49,933 Julie Christie também, Helena Bonham Carter e Kate Winslet,	Omissão: omissão de "And so has ..."
5 00:00:48,626 --> 00:00:54,260 And for that matter so has Billy Connolly, and so has Ben Affleck, and so has Joan Allen.		
	5 00:00:50,921 --> 00:00:52,194 Billy Connolly,	
	6 00:00:53,506 --> 00:00:55,900 Ben Affleck, Joan Allen.	Simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.
6 00:00:54,388 --> 00:00:59,137 And I am honored to work in a year when there were so many magnificent performances.		
	7 00:00:56,711 --> 00:01:02,641 É uma honra ganhar o prêmio num ano em que houve interpretações tão excepcionais.	Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
7 00:01:00,201 --> 00:01:02,653 I am here for one reason and that's Jim Brooks.		
	8 00:01:02,859 --> 00:01:03,941 Eu estou aqui,	Simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.

8 00:01:03,394 --> 00:01:07,237 One single reason, and that's the only reason really.		
	9 00:01:04,862 --> 00:01:07,868 por uma única razão, Jim Brooks, é a única razão pela qual estou aqui.	Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 1 segundo entre a fala original e a interpretação de EH.
9 00:01:08,744 --> 00:01:13,240 I thank - I am tired of thanking you - I thank God for giving me a little piece of you.		
	10 00:01:09,454 --> 00:01:10,558 Eu quero agradecer,	
	11 00:01:11,324 --> 00:01:15,871 eu estou cansada de agradecer você, eu agradeço a Deus por ter me dado um pouquinho de você.	Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 3 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
10 00:01:14,549 --> 00:01:16,697 Jack, I worship you, you know it.		
	12 00:01:16,263 --> 00:01:17,966 Jack, eu o idolatro.	Omissão: Omissão da expressão <i>you know it</i> .
11 00:01:17,205 --> 00:01:21,356 Greg, I hope you hold in your heart how beautiful your performance in this movie was.		
	13 00:01:18,285 --> 00:01:18,792 Greg,	
	14 00:01:19,645 --> 00:01:23,833 eu espero que você saiba como você estava maravilhoso neste filme.	Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
12 00:01:21,800 --> 00:01:25,622 I would like to thank our producers Bridget Johnson, Kristi Zea, Larry Mark.		
	15 00:01:23,946 --> 00:01:27,598 Nossos produtores Larry Mark, Kristi Zea.	Omissão: omissão da expressão <i>I would like to thank</i> possivelmente para que EH pudesse se concentrar nos nomes que estavam sendo citados.
13 00:01:25,949 --> 00:01:29,786 Everyone at Sony. The team of experts it took to make me available for this movie.		
	16 00:01:27,744 --> 00:01:30,015 Todo mundo da Sony, os especialistas,	Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
	17 00:01:30,615 --> 00:01:33,883 todos que me colocaram neste papel, nesse filme.	

14 00:01:31,914 --> 00:01:34,648 My acting teachers Lurene Tuttle, wherever you are,		
	18 00:01:34,008 --> 00:01:38,062 Os meus professores de interpretação, Lurene Tuttle, onde vocês estiverem, Gordon Hunt,	Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
15 00:01:35,434 --> 00:01:43,221 Gordon Hunt, Larry Moss, Gary Austin, for giving me a way to learn about myself and the world, and a way to express myself.		
	19 00:01:38,916 --> 00:01:40,738 Gary Austin, por	Omissão: omissão da informação sobre Larry Moss.
	20 00:01:41,552 --> 00:01:43,318 terem me permitido aprender	Simplificação: utilização de frases curtas para evitar perda da informação.
16 00:01:43,346 --> 00:01:45,173 I hate to think who I would be without that.		
	21 00:01:43,779 --> 00:01:47,958 sobre mim mesma, aprender o mundo, eu não sei onde eu estaria sem isso.	A omissão das expressões <i>and a way to express myself</i> e também <i>I hate to think</i> , porém privilegiando o sentido do discurso.
17 00:01:45,419 --> 00:01:47,617 My parents, who are sobbing at this point.		
	22 00:01:48,092 --> 00:01:50,912 Os meus pais, que devem estar chorando a essas alturas.	Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 3 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
18 00:01:48,688 --> 00:01:51,122 My friends, who are at home jumping up and down.		
	23 00:01:50,996 --> 00:01:53,559 Meus amigos, em casa, pulando provavelmente.	Utilização da <i>décalage</i> (espaço de tempo) de 2 segundos entre a fala original e a interpretação de EH.
19 00:01:52,123 --> 00:01:55,156 And you [Hank Azaria], the very, just the very best man I know.		
20 00:01:55,257 --> 00:01:58,187 Thank you so much. This is a magnificent honor. Thank you so much.		
	24 00:01:55,297 --> 00:01:57,453 E você que é o melhor homem que eu conheço nesse mundo.	Omissão da expressão <i>Thank you</i> por estar sendo pronunciada várias vezes.
	25 00:01:57,797 --> 00:01:59,516 É uma honra enorme para mim.	Término da interpretação praticamente junto com o oradora.

Fonte: a autora

Embora saibamos que a literatura da área de Estudos da Interpretação possa conter outros *insights* para a análise das técnicas de interpretação, busquei concentrar-me nas técnicas de *décalage*, término simultâneo da fala da intérprete, simplificação, redução ou omissão, que Pagura (2012, 2010, 2003), Gile (2009), dentre outros, definem como técnicas básicas utilizadas por intérpretes simultâneos. Como foi demonstrado através desses quadros, EH proporcionou o acesso aos conteúdos com muita competência. Seu trabalho era excepcional e sua prática, assim como a de outros intérpretes das décadas em que a formação em universidades ou instituições de ensino era inexistente, auxilia a definição e descrição da modalidade de interpretação simultânea.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre as vivências de EH, contextualizadas durante o exercício da sua profissão, foi construída pensando nos aspectos distintivos da profissão. À época de EH:

Não havia um currículo preestabelecido e as disciplinas eram acrescentadas à medida que os cursos aconteciam. Poucas (ou quase nenhuma) eram as publicações existentes na época que discutissem ou refletissem sobre a formação de intérpretes para direcioná-las e ambas contaram muito com intuição e experiência pessoal. (PAGURA, 2010, p.167).

EH tinha um amplo conhecimento dos idiomas com que trabalhava e conseguia estabelecer as conexões entre as culturas. Foi autônoma e uma das pioneiras da prática de interpretação no Brasil, tendo se posicionado sempre em defesa dos direitos de sua classe. Praticou todas as partes do processo até atingir o nível esperado, desenvolvendo as habilidades pertinentes. Foi uma das primeiras intérpretes a ter destaque na mídia, por sua competência linguística e maturidade intelectual. EH tornou-se um ícone da interpretação simultânea no Brasil.

Vale ressaltar, assim, a partir de Pagura (2010), que traçar a história dos intérpretes pode ajudar a legitimar a própria área de Interpretação. Para o autor, a elaboração da história nasce da necessidade de legitimar uma disciplina, além de levar à sua maior unidade (PAGURA, 2010, p. 14).

Existem outros tantos intérpretes que têm muito a nos ensinar por meio de suas práticas, e espero que este trabalho tenha aberto portas para que colegas sintam curiosidade de investigar outras práticas profissionais, dada a importância de preservar a memória para legitimar os Estudos da Interpretação.

Espero, ainda, que, por meio de minhas percepções, tenha conseguido expor de maneira responsável todos os dados que acessei para a elaboração deste estudo.

Para finalizar: E o Óscar vai para... Elisabete Hart!

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Leandro. Oscar 98 + Intervalos (TV Globo – 23/03/1998). **Youtube**, 04/02/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VwEJhICpilM>. Acesso em 20 ago. 2021.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Revista Educação & Sociedade**, v. 20, n 67, p.153-182, 1999.

CARVALHO, Ulisses Wehby. **Tecla Sap: morre a intérprete Elisabete Hart**, 2007. Disponível em: <https://www.teclasap.com.br/news-morre-a-interprete-elisabete-hart/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

DE OLIVEIRA, Maria da Glória. **Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DELORY-MOMBERGER Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, v. 01, n. 01, p. 133-147, 2016.

DELORY-MOMBERGER Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p.523-536, 2012.

DO VALLE SILVA, Christiano Sanches. Poder e fidelidade na interpretação. **Tradterm**, v. 23, p. 59-82, 2014.

DO VALLE SILVA, Christiano Sanches. Efeitos da pandemia de covid-19 no mercado, no ensino e na prática de interpretação, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N3uXQXO-NHA>. Acesso em: 05 mai. 2021.

GILE, Daniel *et al.* Testando a hipótese da “corda bamba” do modelo dos esforços na interpretação simultânea – uma contribuição. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 590-647, 2015.

GILE, Daniel. **Basic concepts and models for interpreter and translator training**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

GILE, Daniel; ESQUEDA, Marileide Dias; DE SOUSA FREITAS, Flávio. Da comunicação à qualidade em interpretação e tradução: uma visão didática. **Letras & Letras**, v. 35, n. 2, p. 219-245, 2019.

GINEZI, Luciana Latarini. A ética na interpretação de tribunal: o Brasil no banco dos réus. **Tradterm**, v. 20, p. 27-42, 2012.

G1 Globo.com. Notícias, Rio de Janeiro: morre tradutora Elisabete Hart, 2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,MUL162016-5606,00-MORRE+TRADUTORA+ELISABETE+HART.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

JANOV, Pedro e seu Arquivo de Vídeos. Plantão: Termina a Guerra do Golfo – Globo, 27/02/1991. **Youtube**, 11/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vw4lGu49-Eo>. Acesso em 20/08/2021

KAMEL, Ali. Elisabete Hart, O Globo, 30/10/2007. Disponível em: <http://www.alikamel.com.br/artigos/elisabete-hart.php>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MAGALHÃES JÚNIOR, Ewandro. **Sua majestade, o intérprete**: o fascinante mundo da tradução simultânea. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ORGLMEISTER, Ingrid. **APIC 50 ANOS**. E tudo começou assim... Relato de Ingrid Orglmeister. Disponível em: <https://apic50anos.org/como-comecou-a-interpretacao-simultanea-no-brasil-2/> Acesso em: 26 ago. 2021.

ORIGUELA, Daniella Avelaneda. **Interpretação comunitária, direitos humanos e assistência social**: proposta de política pública no contexto brasileiro. Tradterm, v. 23, p. 225-240, 2014.

ORLANDINI, Ricardo. Hoje na história: Morre tradutora Elisabete Hart, 2007. Disponível em: [https://www.ricardoorlandini.net/hoje\\_historia/ver/6135/morre-tradutora-elisabete-hart](https://www.ricardoorlandini.net/hoje_historia/ver/6135/morre-tradutora-elisabete-hart). Acesso em 22 mar. 2021.

PAGURA, Reynaldo José. **A Interpretação de conferências no Brasil**: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PAGURA, Reynaldo José. A Teoria Interpretativa da Tradução (*Théorie du Sens*) revisitada: um novo olhar sobre a desverbalização. **TradTerm**, v. 19, p. 92-108, 2012.

PAGURA, Reynaldo José. A Interpretação de Conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 19, n. SPE, p. 209-236, 2003.

SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patricia; SUSIN, Priscila. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira. Revisão e perspectivas. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 359-382, 2014.

SCHAITZA, Raquel Moniz de Aragão. A prática deliberada na prática: uma adaptação das teorias sobre aquisição de habilidades às especificidades da interpretação simultânea. **Tradução em Revista**, v. 2020, n. 29, 2017.

SILVA, Ana Julita Oliveira da; ESQUEDA, Marileide Dias; CAMPOS, Tania Liparini. Os Estudos da Tradução no Brasil: a ABRAPT e o Encontro Nacional de Tradutores. **Domínios de Linguagem**, v. 11, n. 5, p. 1454-1474, 2017.

TUDO ESTÁ VOLTANDO. Guerra do Golfo / Reportagem Rede Globo 1991. **Youtube**, 26/04/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AUTZXWPFouQ>. Acesso em 20 ago. 2021.

VIEIRA, Willian. Elisabete Hart, a eterna voz do Oscar, 2007. **Folha de São Paulo**, cotidiano: Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3010200713.htm>. Acesso em: 22 mar. 2021.

VOX Intérpretes. Blog: E o Oscar vai para... Os intérpretes, 2018. Disponível em: <https://voxinterpretes.com.br/2018/03/03/e-o-oscar-vai-para-os-interpretres/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

WYLER, Lia. Tradução Oral no Brasil. In: WYLER, Lia, **Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 29-49, 2003.

## ANEXOS

### Anexo 1

<https://www.teclasap.com.br/news-morre-a-interprete-elisabete-hart/>

Morre a intérprete Elisabete Hart

Maria Elisabete Figueiredo Hart

[ULISSES WEHBY DE CARVALHO 2 COMENTÁRIOS NOVIDADES DO TECLA  
SAP, TRADUÇÃO SIMULTÂNEA](#)

Elisabete Hart

Elisabete Hart ficou conhecida por ser, durante anos, a intérprete da cerimônia de entrega do Oscar na Rede Globo. Não tive o privilégio de trabalhar com ela mais vezes pelo fato de eu morar em São Paulo e ela, no Rio de Janeiro. Entretanto, ela sempre foi extremamente simpática comigo e, com certeza, deixará muitas saudades. Competência, elegância e profissionalismo sempre foram suas características mais marcantes. Leia o texto publicado no [G1](#) e assista ao vídeo com a justa homenagem prestada pelo Jornal Nacional. Aqui você confere a matéria que foi ao ar no canal de TV por assinatura [GloboNews](#).

O texto do jornalista Willian Vieira, somente para assinantes da Folha de S. Paulo ou do UOL, está [aqui](#). O [Correio do Brasil](#) e o jornalista Ancelmo Gois, em seu [blog](#), também noticiaram o falecimento.

## Anexo 2

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3010200713.htm>

São Paulo, terça-feira, 30 de outubro de 2007 FOLHA DE S.PAULO **cotidiano**

---

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Elisabete Hart, a eterna voz do Oscar  
WILLIAN VIEIRA  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Quem viu a entrega do Oscar pela TV Globo nas décadas de 1980 e 1990 tem na memória a voz de Maria Elisabete Figueiredo Hart. Sem mostrar o rosto, a intérprete virou sinônimo do evento na televisão brasileira.

Por mais de 15 anos ela recebeu elogios por sua pronúncia e entonação, e críticas, por traduzir cada detalhe da cerimônia, inclusive as piadas. Aos poucos tornou-se mais sintética. Dizem os críticos mais ácidos que, com o passar dos anos, dava para ouvir o som local do teatro onde acontece o Oscar.

Nascida no Rio de Janeiro, Hart foi para os Estados Unidos viver com o marido, onde ficou por dez anos. Tinha orgulho de ter aprendido inglês não na escola, mas na vida.

Sua voz ecoou pela primeira vez em 1981, quando narrou, ao vivo, o casamento do príncipe Charles com a princesa Diana. Já em 1983 virou intérprete do Oscar na Globo -onde participou também da primeira transmissão simultânea de uma guerra, a do Golfo, em 1991, traduzindo direto da CNN.

Hart tinha dois filhos, três netos e duas paixões: o samba da Mangueira, que a levou para o sambódromo por seguidos 13 anos, e o futebol do Flamengo, que acompanhava no Maracanã. Ela morreu ontem de câncer, aos 64 anos, no Rio.

**Anexo 3**

<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL162016-5606,00-MORRE+TRADUTORA+ELISABETE+HART.html>

Morre tradutora Elisabete Hart

A voz dela ficou conhecida nas cerimônias do Oscar transmitidas pela TV Globo. Corpo será enterrado no Cemitério São João Batista, no Rio.

Do G1, no Rio, com informações da TV Globo

A tradutora e intérprete Elisabete Hart faleceu no Rio de Janeiro. Ela foi a voz da premiação do Óscar transmitido pela TV Globo durante anos.

Seu trabalho como tradutora se destacou pela pronúncia e entonação correta.

Ela sofria de câncer. O corpo foi enterrado nesta segunda-feira (29) no Cemitério São João Bastista, em Botafogo, na Zona Sul do Rio.

## Anexo 4

<http://www.alikamel.com.br/artigos/elisabete-hart.php>

"Elisabete Hart", O Globo, 30/10/2007

Conheci Elisabete Hart pessoalmente apenas quando comecei a trabalhar na TV Globo, seis anos atrás, talvez. Mas, para mim, como para a maior parte dos brasileiros, sua voz era uma velha conhecida, de muitos anos, que nos fazia, a todos, ouvintes perfeitos da língua inglesa. Toda transmissão de evento em inglês na TV soava mais familiar com a participação dela. A maioria de nós guarda na memória as cerimônias de entrega do Oscar, e não sem razão, porque Bete fez história ali. Mas os eventos foram múltiplos: sua estreia foi na transmissão, ao vivo, do casamento de Lady Di com o príncipe Charles, em 1981. De lá para cá, não mais parou: discursos de presidentes estrangeiros, transmissão ao vivo de guerras (quando é crucial saber, com agilidade e sem erro, o que as emissoras geradoras estão noticiando), eventos esportivos, sessões tumultuadas na ONU, debates entre candidatos a presidente dos EUA. Bete fazia tudo bem, com calma, segurança e profissionalismo.

Vê-la trabalhar era realmente uma experiência. A festa do Oscar é longa e exaustiva até para os espectadores. Ela dá certo, no Brasil, quando a preocupação da emissora que a transmite é fazer o público entender o que está sendo dito e não fingir que está "produzindo" o show (falando de filmes, figurinos, desempenho de atores, numa avalanche torrencial de palavras). Sem enrolação. Não é fácil. Os organizadores do Oscar mandam previamente o script da festa, mas as modificações são constantes e as lacunas, bem, as lacunas são o principal problema: naturalmente, são improvisos o que dizem os apresentadores (normalmente comediantes — com piadas, para um público não-americano, difíceis de entender) e, claro, todos os agradecimentos feitos pelos agraciados. Conhecidas previamente, apenas as poucas palavras dos atores escalados para citar os concorrentes e anunciar que o "Oscar goes to".

Com Bete, no entanto, nunca houve problema. Assim como apresentadores e comentaristas (os especialistas no assunto), ela sempre chegava à emissora já tendo lido integralmente as várias versões do roteiro e sabendo de cor o que ainda estava por vir. Via todos os filmes previamente e lia revistas sobre cinema, porque sabia que, para entender aquelas private jokes, era preciso mais do que saber inglês; era preciso conhecer a matéria. E Bete conhecia. Antes de entrar nos estúdios, fumava um cigarro (vício que nunca abandonou), tomava posição em sua mesa, botava os fones nos



ouvidos pedindo para jamais ter acesso ao que iria ao ar, mas apenas ao que fosse transmitido dos EUA, e ficava com os olhos no monitor. Isso dava espaço para que, ao fim de cada prêmio, o comentarista fizesse as suas análises e que a apresentadora pudesse se concentrar na explicação do desenrolar do espetáculo e na tradução do script (nos últimos anos, essas tarefas têm cabido aos competentíssimos José Wilker e Maria Beltrão).

O que impressionava em Bete era a sua capacidade de dar o tom certo, a en(tradutor-intérprete), sem dúvida, e o Brasil tem profissionais maravilhosos nessa área. Mas Bete tinha algo mais: tinha o timing que a televisão exige e uma voz aveludada que, se ela quisesse, bem poderia ser a de um bem-dotado narrador. Mais que uma tradutora-intérprete, Bete era uma profissional de TV. Esta era a razão do seu sucesso.

Por causa do nome, muitos imaginam que Bete tinha alguma ascendência americana, mas isso não é verdade. Muito pequena, aos dois anos de idade, morou lá por dois anos, até os quatro. No Brasil, não estudou na Escola Americana, mas em colégios brasileiros. Aqui, conheceu o pai americano de seus filhos, casou-se e voltou a morar nos Estados Unidos apenas aos 20 anos, já adulta, portanto. Morou lá oito anos. Falar inglês sem sotaque e traduzir a língua com perfeição e agilidade era um dom natural. Mas um dom que ela soube lapidar, com trabalho, com perseverança. Uma lição valiosa a muitos de nós.

Eu tive a oportunidade de me aproximar um pouco mais dela: nos meus dois livros, sempre que precisei de uma tradutora profissional para os textos em inglês que eu utilizava, eu me socorria dela. E foi sempre uma experiência gratificante: ela se interessava não apenas pelo trecho de que eu necessitava, mas por partes maiores, trocava ideias sobre o conteúdo, enriquecendo sempre os meus trabalhos. Convivendo com a doença há muitos anos, entre curas e recidivas, Bete nunca se pôs na posição de vítima: enfrentou o inimigo com bravura, sem autopiedade, falando da doença o necessário, mas sempre deixando transparecer que, para ela, o inimigo não era poderoso: falava do câncer como algo menor, porque, senão, viveria com medo, e não como gostava de viver, com bom humor, com otimismo, com garra. Não descuidou da saúde um dia sequer, até o fim. Mas mantendo sempre o seu espírito combativo.

No leito do hospital, ainda na sexta-feira, sentia-se desconfortável por ter de dizer um não a um pedido "meio automático" ("Tradução? Bete Hart!") feito por um

colega da Divisão de Esportes (que desconhecia como o estado dela se agravara nos últimos dias). Diante do pedido, disse, preocupada, para o filho, Eric: "Mas com essa voz enfraquecida, como serei capaz?" Notem que não disse um "Não, estou doente". Ela queria fazer, mas com a força de sempre. Coube ao Eric, sorrindo, dizer: "Calma, mãe, calma. Vamos pensar no seu tratamento." Bete morreu ontem, aos 64 anos. Deixou uma legião de amigos e uma multidão sem fim de admiradores.

O evento era a transmissão do anúncio da sede da Copa do Mundo em 2014. Uma festa, mas sem a voz de Bete.

Ali Kamel

## Anexo 5

<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL576244-10406,00-MORRE+A+TRADUTORA+ELISABETE+HART.html>

Morre a tradutora Elisabete Hart

A estreia dela na Globo foi em 1981, traduzindo simultaneamente a transmissão do casamento da princesa Diana e do príncipe Charles. Desde então, seus trabalhos foram muitos e variados.

Morreu hoje, no Rio de Janeiro, a tradutora e intérprete Elisabete Hart. Para milhões de telespectadores brasileiros, o rosto de Bete Hart não era conhecido, mas, para o público, é difícil imaginar transmissões internacionais sem sua voz.

A estreia dela, na Globo, foi em 1981 traduzindo simultaneamente a transmissão do casamento da princesa Diana e do príncipe Charles e, desde então, seus trabalhos foram muitos e muito variados, como a Guerra do Golfo, dez anos depois, e as tantas cerimônias de entrega do Oscar, sempre com elegância e precisão nas traduções. Elisabete Hart tinha 64 anos. Na madrugada desta segunda-feira, perdeu as forças com que resistiu a um câncer por 11 anos. O corpo foi enterrado, no fim da tarde, no cemitério São João Batista.

**Anexo 6**

[https://www.ricardoorlandini.net/hoje\\_historia/ver/6135/morre-tradutora-elisabete-hart](https://www.ricardoorlandini.net/hoje_historia/ver/6135/morre-tradutora-elisabete-hart)

29 de outubro de 2007. Morre tradutora Elisabete Hart

A tradutora e intérprete Elisabete Hart faleceu no Rio de Janeiro. Ela foi a voz da premiação do Oscar transmitido pela TV Globo durante anos. Seu trabalho como tradutora se destacou pela pronúncia e entonação correta.

Ela sofria de câncer. O corpo foi enterrado no Cemitério São João Bastista, em Botafogo, na Zona Sul do Rio. Tags: tradutora, Oscar

## Anexo 7

<https://voxinterpretes.com.br/2018/03/03/e-o-oscar-vai-para-os-interpretres/>

E o Oscar vai para...Os Intérpretes

Todo ano é a mesma coisa: chega a temporada de premiações do cinema americano, transmitidas pela TV brasileira com tradução simultânea, e o público leigo no assunto (no assunto interpretação, e não cinema) começa a praticar o esporte de detonar o trabalho dos intérpretes. Seja na mesa do bar ou nas redes sociais, sempre tem alguém para dizer que a tradução simultânea está uma porcaria: “Até eu faria melhor!”, “Qualquer aluno de primeiro ano de escola de inglês sabe mais!” e por aí vai. Já que esse tipo de comentário é inevitável, queremos propor um trato: quem quiser falar mal da interpretação simultânea do Oscar deve, antes de mais nada, entender como funciona. Combinado?

“Ih, que chatice”, você pode estar pensando. “Lá vêm esses intérpretes corporativistas querendo defender a categoria”. É verdade. Nós, intérpretes, gostamos de valorizar nosso trabalho: sabemos como é difícil fazer uma tradução simultânea ao vivo; sabemos que é preciso ter anos de estudo e treinamento, que não basta dominar inglês – ou qualquer que seja o idioma em questão; que são necessárias técnica e experiência para encarar essa empreitada. Resumindo: temos orgulho do que fazemos, e desejamos que nosso trabalho seja reconhecido.

Para começar, aqui vai um resumo do processo neurolinguístico que se passa no cérebro de um intérprete em ação. 1) O tradutor escuta o discurso em um idioma (no caso do Oscar, em inglês); 2) o cérebro processa e decodifica a mensagem; 3) depois, a cachola do intérprete tem dois ou três segundos para bolar uma tradução no que se chama “língua de chegada” – no nosso exemplo, o português; 4) o intérprete fala a tradução num microfone; 5) enquanto fala, o tradutor ou tradutora tem de monitorar o próprio discurso em português, para ter certeza de que está sendo coerente, reproduzindo com precisão as informações do original, mantendo a correção gramatical e usando uma estrutura compreensível.

Ocorre que a cabeça do intérprete realiza todas essas tarefas ao mesmo tempo, o tempo todo – e não uma de cada vez. Isso porque o palestrante (ou o apresentador, no caso do Oscar) não faz pausas para que o tradutor pense em como vai dizer isso ou aquilo em português. O orador vai em frente, e o intérprete também

segue adiante – ouvindo uma língua, falando outra e realizando simultaneamente todos esses processos mentais.

A interpretação é tão intrincada que até os neurocientistas se perguntam: como pode um cérebro humano realizar tantas tarefas complexas ao mesmo tempo? Não à toa, o trabalho dos interpretes já foi tema de vários estudos científicos. Um dos mais recentes ocorreu no Laboratório de Cérebro e Linguagem da Universidade de Genebra, na Suíça, sob o comando da neurocientista Narly Golestani. Após realizar a pesquisa, que incluiu exames de ressonância magnética durante sessões de tradução simultânea, ela declarou à BBC britânica: “a linguagem é uma das funções cognitivas mais sofisticadas que existem. No intérprete, essa função vai além, já que duas línguas estão ativas, realizando diversas tarefas concomitantes: audição, compreensão, produção e monitoramento, tudo ao mesmo tempo”. E completou: “várias regiões do cérebro ficam ativas ao mesmo tempo, com grau de exigência elevado”.

Pois bem. Na tradução simultânea do Oscar, essa sinfonia de atividades cerebrais ocorre em condições ainda mais desafiadoras. Uma delas é a enorme pressão de fazer a interpretação na televisão, em rede nacional. Qualquer deslize será testemunhado por milhões de pessoas (em 2016, por exemplo, a cerimônia foi assistida por 32 milhões de espectadores).

Some-se a isso o fato de que o intérprete não está fisicamente próximo às pessoas que vai traduzir, como ocorre normalmente num congresso com tradução simultânea. O tradutor está no Brasil, num estúdio de TV, assistindo à transmissão numa tela, como qualquer outro espectador. Por vezes, ele (ou ela) escuta a voz do apresentador do Oscar enquanto a câmera mostra cenas de reação da plateia, dos indicados a determinada categoria ou mostra trechos de filmes – e não o rosto da pessoa que está falando.

Durante a entrega do prêmio, é comum também que duas ou mais pessoas falem ao mesmo tempo: uma dupla de atores que apresenta uma categoria, a equipe de efeitos especiais que sobe ao palco para receber a estatueta, etc. Nessas horas, pode ser ainda mais difícil compreender o que está sendo dito, já que as vozes se sobrepõem.

Mas a grande armadilha do Oscar está nos trocadilhos, piadas, nomes e referências específicos à sociedade americana e a Hollywood. Eles aparecem aos montes durante a festa. Essas ciladas já foram, inclusive, tema de um divertido vídeo

do grupo Porta dos Fundos, que satiriza a tradução simultânea da cerimônia. No esquete, dois atores fazem às vezes de intérpretes: “bom... isso é um trocadilho que não dá para traduzir...” ou “o apresentador está fazendo referência a um programa de televisão que ninguém conhece no Brasil...”.

A despeito dos exageros e equívocos na representação dos tradutores (é natural: trata-se de humor, e não de material didático sobre a profissão), o vídeo é mesmo engraçado. Mas há uma dose de verdade na sátira: muitos jogos de palavras, menções a fofocas locais, trocadilhos com nomes de filmes em inglês simplesmente não têm tradução. E isso não é culpa do intérprete – é resultado das diferenças entre línguas e culturas.

Imagine, fazendo o exercício contrário, que um intérprete americano receba a incumbência de traduzir os desfiles da Marquês de Sapucaí: ele poderia deparar com expressões como “chora, cuíca!”, “olha o breque!” ou “o samba-enredo desse puxador está muito boi com abóbora”. São coisas tão brasileiras, e tão particulares ao universo do carnaval, que nem o tradutor mais competente seria capaz de transmitir toda a carga cultural e o sentido que essas frases têm por aqui – muito menos quando dispõe de poucos segundos para pensar numa solução em inglês.

É evidente que, antes de qualquer trabalho, os intérpretes se preparam muito. No caso do Oscar, é preciso ter na ponta da língua os nomes dos filmes indicados (em inglês e português), de todos os principais atores, diretores, roteiristas, etc., dos convidados que vão entregar as estatuetas – além de estar a par das últimas notícias de Hollywood, dos fuxicos do mundo do cinema, de assuntos correntes dos Estados Unidos (pois certamente haverá piadas e protestos contra Donald Trump, ou referências ao movimento contra o assédio). Isso sem esquecer os conhecimentos sobre as festas e os filmes de edições anteriores, que costumam ser citados. Ou seja: por mais que o intérprete estude e se informe, sempre vai aparecer um nome desconhecido, um improviso inesperado, uma batata quente jogada de súbito no colo do tradutor. “Matar essas bolas no peito”, com categoria, é um dos desafios mais interessantes da profissão.

Antes de encerrar, uma ressalva: como qualquer ser humano, um intérprete pode errar. E às vezes erra mesmo. Acontece com todo mundo. Nosso objetivo é apenas sugerir que esses erros (caso e quando ocorram) sejam tratados numa perspectiva mais ampla, que leve em consideração todos os fatores envolvidos. Queremos mostrar que a avaliação do desempenho do intérprete também pode – e

deve – reconhecer as soluções brilhantes, para tantas expressões espinhosas, produzidas em questão de segundos por um profissional da tradução simultânea.

Para terminar, fica nossa homenagem à intérprete Elisabete Hart (1943 – 2007). Durante anos, ela fez a tradução simultânea do Oscar na Rede Globo. Com sua competência, dicção impecável e tranquilidade para enfrentar as arapucas dessa difícil tarefa, Elisabete ajudou a divulgar a profissão junto a milhões de pessoas que assistiram à cerimônia nas décadas de 1980 e 1990. Para muita gente, sua voz tornou-se sinônimo de tradução simultânea – trabalho que ela exerceu com grande técnica e elegância.

Pronto: agora você já sabe tudo o que acontece no cérebro e no entorno de um intérprete que traduz a cerimônia de entrega das estatuetas. Então pegue a pipoca, ligue a televisão e aproveite a festa – com tradução simultânea.



## Anexo 8

[http://aaspeechesdb.oscars.org/results.aspx?AC=NEXT\\_RECORD&XC=/results.aspx&BU=http%3A%2F%2Faaspeechesdb.oscars.org%2F&TN=aatrans&SN=AUTO22454&SE=192&RN=3&MR=0&TR=0&TX=1000&ES=0&CS=0&XP=&RF=WebReportList&EF=&DF=WebReportOscars&RL=0&EL=0&DL=0&NP=255&ID=&MF=oscarsmsg.ini&MQ=&TI=0&DT=&ST=0&IR=0&NR=0&NB=0&SV=0&SS=0&BG=&FG=&QS=&OEX=ISO-8859-1&OEH=utf-8](http://aaspeechesdb.oscars.org/results.aspx?AC=NEXT_RECORD&XC=/results.aspx&BU=http%3A%2F%2Faaspeechesdb.oscars.org%2F&TN=aatrans&SN=AUTO22454&SE=192&RN=3&MR=0&TR=0&TX=1000&ES=0&CS=0&XP=&RF=WebReportList&EF=&DF=WebReportOscars&RL=0&EL=0&DL=0&NP=255&ID=&MF=oscarsmsg.ini&MQ=&TI=0&DT=&ST=0&IR=0&NR=0&NB=0&SV=0&SS=0&BG=&FG=&QS=&OEX=ISO-8859-1&OEH=utf-8)

### ACADEMY AWARDS ACCEPTANCE SPEECH DATABASE

Record 5 of 7 [New Search](#) [Revise Search](#) [Back to Results](#)

[First](#) | [Previous](#) | [Next](#) | [Last](#)



[Watch the video](#)

**Year:** 1997 (70th) Academy Awards

**Category:** Actor in a Supporting Role

**Film Title:** Good Will Hunting

**Winner:** Robin Williams

Presenter: Mira Sorvino

Date & Venue: March 23, 1998; Shrine Auditorium & Expo Center

**ROBINS WILLIAMS:**

Thank you. Ah, man! This might be the one time I'm speechless. Thank you so much for this incredible honor. Thank you for putting me in a category with these four extraordinary men. Thank you, Ben and Matt -- I still want to see some ID. Thank you, Gus Van Sant, for being so subtle you're almost subliminal. I want to thank the cast and crew, especially the people of South Boston -- you're a can of corn, you're the best. I want to thank the Meshpucha Weinstein. Mazel tov! And I want to thank Marsha for being the woman who lights my soul on fire every morning. God bless you. And most of all, I want to thank my father, up there, the man who when I said I wanted to be an actor, he said, "Wonderful, just have a back-up profession like welding." Thank you. God bless you.

© Academy of Motion Picture Arts and Sciences  
 [Note: All winners are present except where noted; NOT all winners may have spoken.]

[Feedback/More information](#)

## Anexo 9

<http://aaspeechesdb.oscars.org/link/070-3/>

### ACADEMY AWARDS ACCEPTANCE SPEECH DATABASE

Record 1 of 1 [New Search](#) [Revise Search](#) [Back to Results](#)

[First](#) | [Previous](#) | [Next](#) | [Last](#)



#### **Watch the video**

**Year:** 1997 (70th) Academy Awards

**Category:** Actress in a Leading Role

**Film Title:** As Good as It Gets

**Winner:** Helen Hunt

**Presenter:** Geoffrey Rush

**Date & Venue:** March 23, 1998; Shrine Auditorium & Expo Center

HELEN HUNT:

The first time I saw "Mrs. Brown" -- saw it three times. The first time I saw it, I leaned over to my beloved and said, "She's [Judi Dench] going to win an Academy Award." And in my mind tonight she has. And so has Julie Christie, and so has Helena Bonham Carter, and so has Kate Winslet. And for that matter so has Billy Connolly, and so has Ben Affleck, and so has Joan Allen. And I am honored to work in a year when there were so many magnificent performances.

I am here for one reason and that's Jim Brooks. One single reason, and that's the only reason really. That's the only reason. I thank -- I am tired of thanking you -- I thank God for giving me a little piece of you. Jack, I worship you, you know it. Greg, I hope you hold in your heart how beautiful your performance in this movie was. I would like to thank our producers Bridget Johnson, Kristi Zea, Larry Mark. Everyone at Sony. The team of experts it took to make me available for this movie. My acting teachers Lurene Tuttle, wherever you are, Gordon Hunt, Larry Moss, Gary Austin, for giving me a way to learn about myself and the world, and a way to express myself. I hate to think who I would be without that. My parents, who are sobbing at this point. My friends, who are at home jumping up and down. And you [Hank Azaria], the very, just the very best man I know. Thank you so much. This is a magnificent honor. Thank you very much.

© Academy of Motion Picture Arts and Sciences

[Note: All winners are present except where noted; NOT all winners may have spoken.]

[Feedback/More information](#)

**Anexo 10**

<https://www.jucerja.rj.gov.br/Arquivo/Download/2495?mostraArquivo=False>



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, ENERGIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS  
JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – JUCERJA



PORTARIA JUCERJA Nº 969/2010

DE 19 DE OUTUBRO DE  
2010.

**DISPÕE SOBRE CANCELAMENTO  
DE MATRÍCULA DE TRADUTOR  
PÚBLICO E INTÉRPRETE  
COMERCIAL**

O PRESIDENTE DA JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO –  
JUCERJA,  
no uso de suas atribuições legais que lhe confere os artigos 23 e 42 da Lei n.º 8.934, de  
18/11/1994, regulamentada pelo Decreto n.º 1.800, de 30/01/1996, combinados com a  
IN/DNRC n.º 84, de 29/02/2000, e considerando o que consta do processo n.º E-  
11/50.711/2009,

**R E S O L V E:**

Art. 1º - Tornar público o cancelamento da matrícula da Tradutora Pública e Intérprete  
Comercial MARIA ELIZABETE FIGUEIREDO HART, do idioma INGLÊS, por motivo  
de falecimento, conforme consta no processo n.º E-11/50.711/2009, de 17/09/2009.

Art. 2º - Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2010.

CARLOS DE LA ROCQUE

**Presidente- JUCERJA**

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1

#### Entrevista com a intérprete Anna Vianna

**Biografia:** Formada Intérprete de Conferência em 1996 e Tradutora em 1998 pela PUC-RJ, Anna Vianna abriu a Simultânea Ltda em 1998, junto com sua sócia e irmã. Desde então trabalha exclusivamente tradução simultânea em eventos internacionais, com português, inglês e francês. Anna Vianna também é formada em Ciências Biológicas, com Mestrado em Biofísica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela *Université Paris VII, Institut Jacques Monod*, na França.

Em 2006 foi aprovada em um teste realizado pelo FMI e se tornou intérprete para a instituição e missões para a África lusófona, para o Brasil e durante as reuniões anuais conjuntas do FMI e do Banco Mundial em Washington, Cingapura, Istambul, Tóquio e Lima. Com experiência em eventos esportivos, Anna Vianna trabalhou para a FIFA no preparo para a Copa no Brasil, tendo integrado a equipe oficial de intérpretes em 2014, assim como para o COI, desde a apresentação da candidatura do Rio de Janeiro. Desde 2008, Anna Vianna tornou-se a voz oficial da transmissão da cerimônia do Oscar pela Rede Globo, recebendo diversos elogios por seu trabalho ao longo dos anos. Membro das mais importantes associações de intérpretes e tradutores nacionais e internacional ([www.apic.org.br](http://www.apic.org.br), [www.sintra.org.br](http://www.sintra.org.br) e [www.aiic.net](http://www.aiic.net)), Anna Vianna é carioca, ciclista e mãe de dois filhos.

Informações obtidas no site oficial da APIC. Disponível em: <https://apic.org.br/members/anna-luiza-vianna/> Acesso em: 18/08/2021

#### **1- Você poderia falar um pouco sobre você, sua formação e carreira e de sua relação com Elisabete Hart?**

Sou formada em interpretação e tradução pela PUC-RJ; trabalho nesse mercado há 25 anos. Trabalhei algumas vezes com a Elisabete Hart, em eventos diversos, e minha relação com ela era de admiração e respeito.

#### **2- Elisabete Hart dizia ter aprendido o idioma (inglês) “na vida”. Sabe-se que ela morou nos EUA durante alguns anos. Você acredita que essa imersão cultural**

**foi um fator decisivo para que ela pudesse alcançar um nível de excelência na profissão?**

A vivência na língua é essencial para a fluência. Eu também aprendi “na vida”, ou seja, nunca fiz um curso de línguas. Morei nos Estados Unidos em criança e depois na adolescência. Isso ajuda a entender a cultura daquela língua. Interpretamos mais que palavras – vertemos a cultura de origem para a de destino. Sem vivência, isso fica mais difícil.

**3- Elisabete Hart se tornou sinônimo da exibição da Cerimônia do Oscar no Brasil. Você a considera uma profissional de referência?**

Sem dúvida. A interpretação de um evento como o Oscar é uma vitrine para a profissão, porque dá a oportunidade ao público leigo conhecer o que fazemos.

**4- Recentemente você fez a interpretação do Oscar. Como é a rotina antes de um evento de grande proporção como esse? Você considera necessário um investimento constante em termos de estudo e pesquisa antes de uma atuação?**

Sim, faço a interpretação do Oscar na Rede Globo há 13 anos. Como para qualquer evento, o preparo e a pesquisa são essenciais. Nunca entro em um evento, qualquer evento, sem ter estudado, mesmo quando o cliente não compartilha material.

Para o Oscar o preparo é mais longo e extenuante. Começo com cerca de 3 meses de antecedência, pesquisando filmes, atores, diretores, montando tabelas e compartilhando informações com a equipe da emissora.

Na semana que antecede o Oscar sou especialmente cuidadosa com minha saúde. Sou ciclista e costumo não pedalar nos dias que antecedem a cerimônia, para não correr riscos de acidentes. Diferentemente de outros eventos, é mais difícil conseguir uma substituição para esse trabalho em um curto espaço de tempo.

**5- Você trabalhou alguma vez com Elisabete Hart? Teria alguma lembrança especial?**

Sim, trabalhei algumas vezes com ela. No início da minha carreira confesso que era intimidador, pois ela era realmente excelente! Aos poucos fui melhorando como profissional e me sentindo menos diminuída junto a ela, mas sempre com muita admiração e respeito. Ela era um dicionário ambulante!

Tenho uma lembrança especial com o filho dela, Eric Hart, que trabalha na Rede Globo. Ele fica no estúdio, apoiando a pesquisa durante a transmissão. No meu primeiro Oscar, ele veio falar comigo e me dar força, naquele momento em que eu

substituía sua mãe. Me senti apoiada, como se ela estivesse ali segurando minha mão.

**6- Numa coluna escrita por Ali Kamel, Elisabete Hart foi descrita por sua capacidade de dar o tom certo, ter o *timing* que a televisão exige e ainda ter uma voz aveludada, muito agradável aos ouvidos. Como você vê o papel social desempenhado por ela, no sentido de proporcionar acessibilidade e entretenimento ao telespectador brasileiro? Você sente prazer em proporcionar acessibilidade às pessoas que precisam da interpretação?**

A interpretação em um evento de tão grande alcance, com o Oscar, é o momento em que o grande público tem acesso não só à profissão, mas também a um evento divertido e internacional. São muitas as críticas, mas tenho certeza de que há mais apoiadores do que detratores, apenas esse últimos falam mais alto!

Quanto ao tom de voz, sim, isso é importantíssimo em qualquer evento, especialmente na televisão. Os tons mais graves são preferíveis para TV.

**7- Sabemos que muitos eventos são longos e exaustivos. Mesmo os intérpretes se alternando (no caso de duplas) é necessário continuar atento para não perder o fio da meada. Além de todo o trabalho prévio de pesquisa e estudo, existe também um preparo físico, alguma dieta especial para se manter bem disposta durante o evento?**

Sim. Essa é uma excelente pergunta, que muitos esquecem de fazer. Faço aquecimento vocal todo dia, mas no caso do Oscar, faço uma hidratação forçada dois dias antes e no dia da cerimônia, até umas duas horas antes do início. Durante a cerimônia não temos muito tempo para ir ao banheiro, portanto passo a tomar apenas goles pequenos de água. Trabalho sozinha, pois há comentaristas, então não preciso falar o tempo todo. O espaço é exíguo. Tentamos fazer com dupla um ano e não deu certo. É gente demais e acabou dando confusão, um atropelando a fala do outro.

Como falei acima, evito atividades de maior risco na semana antes, mas sigo meu ritmo de musculação, natação e corrida, normalmente.

Evito, é claro, bebidas alcólicas na véspera e tento dormir cedo. O estresse é grande!

**8- Os intérpretes trabalham no limite de sua capacidade de processamento. Interpretar requer muitos esforços e atenção. Você poderia descrever a sensação de conseguir cumprir sua função ao término de um evento?**

Tenho muito prazer no meu trabalho e, por me preparar muito, sei que tenho bons resultados. Independentemente disso, às vezes saímos de um evento lembrando onde erramos. É preciso silenciar essa voz interna, pois ela não ajuda muito.

Quando termino a transmissão do Oscar, sinto um alívio muito grande. É uma época tensa para mim, desmarco compromissos antes e depois para poder estudar e descansar. Quando acaba, fico feliz! Sinto o prazer do trabalho bem feito, como qualquer profissional de qualquer área.

**9- O que define a profissão de intérprete em sua opinião? O que você diria ao estudante que almeja seguir essa carreira?**

A interpretação é uma profissão e não um “bico”. Mas ela só será valorizada se os próprios profissionais se valorizarem. Não aceitem sub-condições de trabalho ou colegas que não sejam profissionais, na formação e na atitude.

Outra dica é: estudar, estudar, estudar! Nunca, repito, NUNCA, cheguem em um evento despreparados. Mesmo que você já tenha feito aquele assunto mil vezes, reveja suas notas, anote os nomes dos palestrantes, enfim, faça o dever de casa.

**10- Atualmente estamos vivendo uma situação inédita de grandes mudanças devido à pandemia do Coronavírus. Graças à tecnologia, tornou-se possível a realização de reuniões de forma remota. Você diria que a RSI – *Remote Simultaneous Interpreting* já era uma tendência de mudança antes da pandemia? Já utilizou essa “nova modalidade”? Como imagina o futuro quando a pandemia passar?**

Sim, já era uma tendência, que foi apenas acelerada pela pandemia. Eu já fazia RSI desde 2019, portanto não fui pega ‘de calças curtas’ e pude continuar a atender meus clientes remotamente, sendo que ganhei mais alguns, já que estava preparada. Investi pesadamente em equipamento e treinamento para RSI.

Acredito que teremos eventos híbridos no futuro, com cada vez mais RSI, pois a economia é grande. Ao responder essas perguntas, estou interpretando para um evento presencial em Maputo – Moçambique, com palestrantes em Miami e Londres, e os intérpretes em Lisboa e no Rio de Janeiro. Essa será a nova realidade.

## APÊNDICE 2

### Entrevista com o jornalista Eric Hart, filho de EH

**Biografia:** Eric David Gondim Figueiredo Hart veio para o Brasil aos 7 anos, quando seus pais, a brasileira Elisabete Hart, tradutora, e o norte-americano Earl Hart, militar e biólogo, decidiram mudar-se para o Rio. Formou-se em jornalismo audiovisual na Faculdade da Cidade, em 1989.

Sua primeira experiência profissional foi na TV Manchete, como assistente de produção do *Cinemania*, depois como editor do programa. Em novembro de 1991, foi convidado a fazer um teste no Centro de Documentação (antigo Cedoc, atual Acervo) da Globo.

Durante 25 anos, sua mãe trabalhou para a emissora, fazendo traduções simultâneas de eventos, tais como a cerimônia de entrega do Oscar, a cobertura da Guerra do Golfo, debates de candidatos à Presidência dos EUA. E foi através desse conhecimento que o convite chegou ao jornalista, logo aprovado no teste.

<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/eric-hart/> Acesso em: 18/08/2021.

#### **1- Você poderia falar um pouco sobre você, sua formação e carreira e de sua relação com Elisabete Hart?**

Nasci nos Estados Unidos, em Salt Lake City, no período em que a minha mãe viveu lá com o meu pai. Me formei em Jornalismo, e estou no Jornal Nacional da TV Globo desde 1996 na editoria Internacional, com uma passagem como Produtor/Editor no escritório da TV Globo em Londres. Também exerço a coordenação da editoria internacional da Rede Globo.

#### **2- Elisabete Hart dizia ter aprendido o idioma (inglês) “na vida”. Sabe-se que ela morou nos EUA durante alguns anos. Você acredita que essa imersão cultural foi um fator decisivo para o alcance do nível de excelência na profissão que ela teve? Como e quando aconteceram essas “imersões”?**

Ela viveu em duas etapas nos Estados Unidos: uma nos anos 1950, quando o pai dela, meu avô, que era da Marinha, passou um período nos Estados Unidos. Depois, nos anos 1960, casou-se com o meu pai, que é americano, e foi morar em Salt Lake City. Esses dois períodos foram fundamentais para que ela adquirisse a fluência de



“*native speaker*”. Ela acreditava que a prática e a vivência eram fundamentais, e que o intérprete precisava conseguir pensar na outra língua para traduzir com fluência.

**3- Elisabete Hart teve alguma formação na área de Tradução e Interpretação? Como foi a descoberta dessa vocação, o início da profissão e quando aconteceu?**

Ela nunca teve formação acadêmica específica em Tradução e Interpretação. Se formou como Normalista no Instituto de Educação no Rio de Janeiro, e antes do casamento e da mudança para os Estados Unidos trabalhou como professora de português. Em Salt Lake City também lecionou português na Universidade de Utah. Então o trabalho com a língua, seja portuguesa ou inglesa, esteve presente na carreira desde o início.

**4- Elisabete Hart fez trabalhos de tradução antes de ingressar no mercado da Interpretação Simultânea? Como ela ingressou nesse mercado?**

Ao retornar ao Brasil em 1971, procurou um trabalho em que pudesse aproveitar o conhecimento adquirido. Fez os primeiros contatos em São Paulo, onde moramos 2 anos, através da então recém-criada APIC (na época ainda Associação Paulista de Intérpretes de Conferência), e depois no Rio de Janeiro, no grupo chefiado por Edith van de Beuque. Paralelamente, fazia traduções escritas como *freelancer*.

**5- Elisabete Hart se tornou sinônimo da exibição da Cerimônia do Oscar no Brasil. Como era a rotina de Elisabete Hart antes de um evento de grande proporção, como esse? Como ela se preparava em termos de estudo e pesquisa antes de uma atuação?**

Antes de qualquer trabalho, fosse o Oscar ou uma conferência de medicina, ela estudava muito. Estudava o assunto da conferência, preparava glossários específicos, muitas vezes junto com as colegas da equipe com quem iria trabalhar na conferência. Fez inúmeros congressos de medicina, virou quase especialista em cardiologia e oncologia. Temos que lembrar que muito disso foi antes da *internet*, então era um trabalho grande de pesquisa, de busca de dicionários, consultas com os organizadores das conferências para preparar os glossários, etc.

**6- Numa coluna escrita por Ali Kamel, Elisabete Hart foi citada por sua capacidade de dar o tom certo, ter o *timing* que a televisão exige e ainda ter uma voz aveludada, muito agradável aos ouvidos. Como você vê o papel social desempenhado por ela, no sentido de proporcionar acessibilidade e entretenimento ao telespectador brasileiro?**

Ela sempre se preocupou com a clareza e a objetividade; em transmitir as informações de modo claro e fácil de entender, sempre levando em conta o público ao qual estava se dirigindo. O trabalho não se resumia em repetir em outra língua o que alguém estava dizendo, tinha que dar a entonação, o sentido, era realmente *interpretar*.

**7- Elisabete Hart atuou em diversos eventos de destaque como o casamento do príncipe inglês Charles com a princesa Diana; a primeira transmissão simultânea da guerra do Golfo; discursos de presidentes estrangeiros; eventos esportivos; sessões da ONU; debates entre candidatos à presidência dos EUA. Eventos longos e exaustivos durante os quais ela conseguia manter uma postura muito confiante e sabendo lidar com as situações imprevistas com diplomacia. Você acredita que isso se devia ao fato dela estar numa busca constante de conhecimento? Você poderia nos contar o que sabe sobre essas atuações dela?**

Além de uma base muito forte em história e conhecimentos gerais, ela sempre acompanhava o noticiário internacional. Começava o dia lendo o jornal inteiro, assistia aos telejornais, e lia muito, mas muito mesmo, sobre os mais diversos assuntos.

**8- Os intérpretes trabalham no limite de sua capacidade de processamento. Interpretar requer muitos esforços e atenção. Ao término de uma atuação, o que Elisabete Hart gostava de fazer?**

Nas conferências, frequentemente saía com as colegas após o trabalho. Era não só uma oportunidade para relaxar, mas também trocar ideias com as colegas que vinham de outros estados ou outros países. Flamenguista e Mangueirense de coração, fomos muito ao Maracanã na era Zico, e desfilamos juntos na Mangueira, acho que eram as diversões preferidas para relaxar depois das tensões de uma semana de trabalho.

**9- Elisabete Hart deixou registros sobre sua trajetória, desafios, prazeres da profissão? Alguém já escreveu a biografia de EH? Como acessar esse material, caso exista?**

Ela deixou um arquivo pessoal com fotos e reportagens em que aparecia, mas nada muito organizado. Os principais registros foram um programa “N de Notícia”, da *GloboNews*, de 1998 ou 1999, apresentado pelo repórter Carlos Tramontina, em que ela falava da carreira, e um Vídeo Show de 1991 mostrando os bastidores da cobertura da Guerra do Golfo. Mas infelizmente esses programas não estão disponíveis.

**10- Biografar é registrar a trajetória individual e particular de uma pessoa, percebendo sua identidade refletida em suas ações, extraindo características específicas que possam beneficiar a coletividade. O indivíduo é complexo, constituindo-se de influências de aspectos afetivos, biológicos e culturais entre outros. O que você mais admirava em EH? Li que ela deixou dois filhos e três netos. Que fatos você contaria para esses netos que tiveram uma breve convivência com ela? Já pensou em escrever sobre ela?**

Cheguei a pensar em escrever, mas não levei adiante porque achei que precisaria de informações e detalhes que só ela poderia contar.

Acho que o maior exemplo que ela deixa é a ética, seja na vida pessoal quanto na profissional. Era extremamente honesta e sincera, detestava a mentira por menor que fosse. A transparência e a sinceridade sempre foram marcantes, em casa ou na carreira. Profissionalmente, sempre brigou pela remuneração justa, pelas horas extras, pelas diárias em viagens, pelas condições de trabalho. Não aceitava cobrar abaixo da tabela para ganhar um contrato, nem cobrava mais só pelo fato de ter algum destaque pelos trabalhos na televisão. Pelo contrário, às vezes se queixava de não ter sido chamada para algum trabalho porque o organizador imaginou que ela cobrasse mais caso por conta disso...

E voltando a essa busca pelo conhecimento, acho que isso é uma lição que ficou até pros netos - os três adoram ler, têm prazer no conhecimento. É isso, se fosse resumir numa frase, seria a paixão pelo conhecimento.

## APÊNDICE 3

### Entrevista como intérprete Robert Greathouse

**Biografia:** Idiomas informados pelo Candidato a Membro: Português e Inglês. Bacharel em Ciências Biológicas (PUC-MG); curso de Interpretação em Língua Inglesa (PUC-SP). Oriundo de família americana. Possui experiência em acompanhamento de auditorias e reuniões internas nos setores público e privado. Principais áreas de atuação: medicina, farmacêutica, agricultura, ciências exatas e biológicas, petróleo e gás.

Membro efetivo da APIC desde 2020 – São Paulo, SP

Informações obtidas no site oficial da APIC. Disponível em:

<https://apic.org.br/members/robert-greathouse/> Acesso em: 18/08/2021

#### **1- Você poderia falar um pouco sobre você, sua formação e carreira e de sua relação com Elisabete Hart?**

Meu nome é Robert Greathouse, sou bacharel em Ciências Biológicas pela PUC-Minas e posteriormente fiz o curso de Intérprete em Língua Inglesa da PUC-SP. Comecei a trabalhar formalmente como intérprete em 2010. Não cheguei a conhecer a Elisabete Hart.

#### **2- Em sua formação, quais foram as maiores dificuldades e o que você diria aos estudantes que almejam seguir essa profissão?**

A maior dificuldade para mim foi aceitar o meu primeiro trabalho como intérprete. Fui convidado por uma colega para um trabalho e na época, eu ainda estava cursando a PUC-SP e não me sentia preparado para entrar numa cabine oficialmente. Meu conselho para alunos de interpretação é que preparo e estudo nunca são demais. Na internet temos acesso a uma abundância de conteúdo sobre qualquer assunto possível e essa é a ferramenta mais poderosa que um intérprete pode ter.

#### **3- Elisabete Hart dizia ter aprendido o idioma (inglês) “na vida”. Sabe-se que ela morou nos EUA durante alguns anos. Você acredita que a imersão cultural é um fator decisivo para alcançar um nível de excelência na profissão? Como você aprendeu o idioma ou os idiomas com os quais trabalha?**

Acredito fazer a interface cultural é uma parte essencial do trabalho de interpretação. A mensagem só é transmitida claramente quando sabemos como ela será compreendida (ou não compreendida) pelo ouvinte, e por isso é preponderante entender as nuances culturais e linguísticas de cada lado da conversa. No entanto, não acredito que seja necessário viver no exterior para ter esse domínio. Conheço

excelentes intérpretes que nunca moraram fora mas entendem muito bem essas diferenças através do estudo e contato com as culturas estrangeiras.

Sou bilíngue de criação, meu pai é americano e minha mãe é brasileira. Morei e estudei nos Estados Unidos em várias fases da minha infância e adolescência.

**4- Elisabete Hart se tornou sinônimo da exibição da Cerimônia do Oscar no Brasil. Você a considera uma profissional de referência? Você trabalhou alguma vez com ela? Como foi o trabalho?**

Não cheguei a conhecer a Elisabete e nem o trabalho dela, apenas sei de sua reputação.

**5- O que forma um bom intérprete? Quais habilidades, características ou competências são essenciais?**

São várias as qualidades de um bom intérprete: eloquência, agilidade mental, curiosidade sobre os assuntos mais diversos, disciplina para estudar e se aperfeiçoar constantemente, boa capacidade de se relacionar com os colegas e uma postura profissional.

**6- Sabemos que muitos eventos são longos e exaustivos. Mesmo os intérpretes se alternando (no caso de duplas) é necessário continuar atento para não perder o fio da meada. Como é a rotina de preparo para um evento de grande proporção em termos de estudo, pesquisa e até mesmo o preparo físico? Quando se inicia esse trabalho?**

A rotina de preparo para um trabalho é quase sempre intensa, salvo nos casos em que estamos traduzindo um assunto que já nos é conhecido. O preparo físico mais importante é planejar muito bem o deslocamento até o local do evento, com bastante tempo de folga, e ter uma boa noite de sono. Para mim, a pesquisa se inicia quando o trabalho é confirmado e pode se estender até poucos minutos antes do evento começar – que é normalmente quando conseguimos maiores informações e até apresentações de *Powerpoint*.

**7- Muitas telespectadores leigos são fluentes em um idioma e julgam o trabalho do intérprete sem se darem conta da complexidade que o envolve. O que representam as críticas e os elogios?**

Eu gosto muito de ler as críticas e elogios quando faço algum evento – às vezes, leio o *Twitter* mesmo durante a própria transmissão. Em geral sei que as críticas negativas não são pessoais sobre o meu trabalho, e sim contra o próprio conceito da tradução simultânea, que por natureza nunca será perfeita – e sei também que as reclamações

seriam muito mais numerosas se não houvesse tradução, como já aconteceu quando ocorreu algum problema técnico, por exemplo. Quando a crítica é justificada, é um ótimo *feedback* para aprender e não cometer aquele mesmo erro novamente.

**8- Numa coluna escrita por Ali Kamel, Elisabete Hart foi descrita por sua capacidade de dar o tom certo, ter o *timing* que a televisão exige e ainda ter uma voz aveludada, muito agradável aos ouvidos. Como você vê o papel social desempenhado por ela, no sentido de proporcionar acessibilidade e entretenimento ao telespectador brasileiro? Como se sente ao proporcionar acessibilidade às pessoas que precisam da interpretação?**

O papel social do intérprete que trabalha em grandes eventos transmitidos pela TV não deve ser subestimado. A grande maioria do público leigo só conhece a tradução simultânea através de premiações como o Oscar ou entrevistas em *talk shows*, e portanto o intérprete não está apenas com a sua reputação em jogo, mas sim a reputação de toda a nossa categoria.

Fico feliz e é uma honra poder representar a nossa profissão dessa forma! Fazer um bom trabalho é sempre gostoso, sobretudo quando é para tanta gente. Ser reconhecido é uma das melhores partes da profissão.

**9- Os intérpretes trabalham no limite de sua capacidade de processamento. Interpretar requer muitos esforços e atenção. Você poderia descrever esses esforços e qual a sensação ao fim do evento?**

O principal esforço é o de manter a atenção tanto no *input*, a mensagem original, quanto no *output*, ou o que estamos falando. Processar a mensagem de uma forma natural é tão importante quanto passar tranquilidade e segurança ao dizê-la.

A sensação ao fim de um evento longo é de tanque vazio. É um desgaste mental que às vezes se irradia e se torna um cansaço físico.

**10- Atualmente estamos vivendo uma situação inédita de grandes mudanças devido à pandemia do Coronavírus. Graças à tecnologia tornou-se possível a realização de reuniões de forma remota. Você diria que a RSI – *Remote Simultaneous Interpreting* já era uma tendência de mudança antes da pandemia? Já utilizou essa “nova modalidade”? Como imagina o futuro quando a pandemia passar?**

Não acredito que a RSI fosse uma tendência antes da pandemia. Os poucos relatos que ouvíamos sobre a modalidade eram sempre cheios de desconfiança, além de raros. A exceção era o mercado financeiro e os *calls* de divulgação de resultados, que

sempre foram vistos como muito difíceis justamente pela baixa qualidade de som do RSI.

No último ano, mais de 80% dos trabalhos que realizei foram de forma remota. Acredito que os eventos híbridos se tornarão mais comuns após a pandemia e que alguns organizadores de eventos podem querer manter o intérprete trabalhando de casa, sobretudo quando isso representar uma economia em custos de viagem e estrutura técnica – cabines, etc.

## APÊNDICE 4

### Entrevista com a intérprete Suzana Mizne

**Biografia:** Diplomada como intérprete parlamentar pela Universidade de Genebra-Suíça.

Intepretação simultânea e consecutiva. Áreas de atuação mais frequentes: administração, finanças, política, diplomacia, publicidade, medicina, fusões e aquisições, marketing e literatura. Estudos feitos em português, francês e inglês.

Foi membro fundador da APIC – Associação Profissional de Intérpretes de Conferência, em 20 de julho de 1971. Um órgão de classe para os profissionais ativos do campo da interpretação simultânea e consecutiva com o papel de congregar os profissionais e adaptar-se à nova realidade. A associação promove discussões sobre novas tendências de mercado e serve como modelo para intérpretes que estão entrando na profissão ao promover boas práticas de trabalho que podem beneficiá-los desde o início de suas carreiras. (Informações obtidas no site oficial da APIC. Disponível em: <https://apic.org.br/>. Acesso em: 25 mai. 2021.)

#### **1- Como foi o início do exercício da sua profissão e qual era formação exigida?**

A profissão não tinha ainda requisito de exigências porque não existia absolutamente nenhuma formação no Brasil. A profissão começou no Brasil por volta do quarto centenário (de São Paulo). Existia na Universidade de Genebra, na Suíça, onde me formei, uma escola de intérpretes com excelentes professores da ONU, ministrando as aulas em praticamente em todas as línguas do mundo. Os idiomas não eram ensinados lá, os alunos tinham como pré-requisito ter conhecimento de idiomas. Para ingressar era necessário passar por vestibular em três línguas, com muitos conteúdos como exatas, *libroart*, entre outros. O curso de interpretação compreendia aulas de história, geografia, medicina tropical (para os intérpretes que iriam trabalhar na zona tropical, como era o caso do Brasil). Eram obrigatórios três idiomas, sendo o Francês uma exigência. No Brasil, oficializamos a profissão em 1971, sendo Úrsula Schneider (Ulla) e eu com diplomas da Universidade de Genebra; as outras intérpretes eram pessoas bastante talentosas, filhos de embaixadores ou pessoas que viveram em outros países e dominavam várias línguas e tinham essa facilidade. Cecília Assumpção, Ulla Schneider e eu montamos uma cabine de tradução simultânea no



apartamento da Cecília e lá eram aplicados os testes em busca de pessoas com talento para ser intérprete. Não existia ainda oficialmente profissionais formados nesta área, foi um começo a partir do zero. Thade Pilley, professor de interpretação, veio de Londres para a avaliar. Foi quando conhecemos a Bete Hart, por volta de 1973. Ela prestou o teste e apesar de nunca ter feito nenhum curso nesta área, teve um desempenho excelente. A Bete entrou na cabine, a Cecília leu um trecho de uma conferência em Português e Bete traduziu perfeitamente para o inglês. Em seguida o mesmo aconteceu com uma tradução do inglês para o português. Bete traduziu perfeitamente, como se tivesse nascido para isso. Ela era perfeitamente bilíngue. Todos ficamos impressionados com seu desempenho. Ela já era uma intérprete. Ela foi a única pessoa entre muitas que prestaram o teste a ter esse desempenho. Nunca houve outra Bete Hart. Só ela mesmo. Todos nós da área precisamos estudar muito em diversas áreas; é preciso muito estudo e preparo prévio o tempo todo. A Bete sempre estudou muito. Todos os intérpretes estudam muito durante a carreira. No Brasil, ela morou no Rio de Janeiro. Vários amigos da Bete, grandes companheiros de trabalhos como Sérgio Albuquerque, Sérgio Campos Melo, Ester Zubcof, já faleceram.

## **2- Como era o mercado de trabalho e como esse mercado evoluiu até o presente?**

Em 1971, quando a APIC foi criada, buscávamos por pessoas qualificadas para compor a equipe. Éramos oito intérpretes de São Paulo: Cecília Assumpção, Ingrid Orglmeister, Geneviève Pelisson, Jacqueline Branco, Nikolaus Karwinsky, Renata Hammoud, Ursula Schneider e eu. O mercado estava se ampliando. Hoje existem centenas de associados. Na época fizemos muitos cursos, que duravam de 3 a 6 semanas, como: na Poli, na FGV de administração; sobre eletricidade, na Mackenzie. Os clientes começaram a confiar na tradução simultânea. Os aparelhos eram ainda precários mas possibilitavam o entendimento e com isso nos recomendavam a outros clientes. Os próprios presidentes do congresso nos davam aulas explicando os temas da área, os médicos, administradores ou dirigentes de empresas e organizações nos ensinavam. Foi um aprendizado muito grande, e estudávamos muito. Era exigido um grande esforço para se qualificar. Daí surgiu uma confiança muito grande no profissionalismo que desempenhávamos e o mercado foi aumentando e nós fomos implantando as nossas condições, como por exemplo, nunca trabalhar sozinha, sempre em duplas. Houveram algumas exceções de trabalho em que se

trabalhássemos sozinha, não ultrapassaria uma hora de trabalho. Nós explicávamos o que era interpretação consecutiva e o que era interpretação simultânea. Os honorários impostos eram respeitados, assim como toda a ética, confiabilidade e confidencialidade das informações. Com esse perfil os clientes passaram a confiar mais no intérprete, por ser neutro, imparcial do que em pessoas que conheciam as línguas mas tinham ligações, que de certa forma poderiam tomar partido, o que é normal e humano, quando há envolvimento de interesses. Assim o mercado foi crescendo e se tornou reconhecido. A profissão se tornou reconhecida e valorizada. Regulamentada, respeitada.

**3- Como foi a sua convivência profissional com a Elisabete Hart, quando se conheceram? Vocês fizeram trabalhos em parceria? Havia uma dinâmica estabelecida?**

Fizemos alguns trabalhos em organizações internacionais, como por exemplo para a ONU, no RJ, (sempre pagavam as despesas, além dos honorários). O trabalho mais significativo que fizemos juntas foi acompanhando o presidente Figueiredo para Washington. Trabalhamos na Casa Branca, na época era o presidente Reagan, em 1982, época da guerra das Malvinas. Convidei a Bete para compormos uma dupla de intérpretes. Ficamos alguns dias e interpretamos para os presidentes, e às vezes em reuniões dos presidentes com alguns ministros. No Rose Garden ficávamos em pé ao lado do presidente e haviam jornalistas do mundo inteiro. Bete também trabalhou em reuniões da FLIP (Feira Literária Internacional de Paraty), vinham famosos do mundo inteiro. Acredito que foi nos anos 2005, 2006, 2007. Bete trabalhava no inglês e eu no francês. Bete traduziu o Oscar, na Globo que deve ter um departamento que arquiva esses vídeos. Tente falar com a Anna Vianna ou a Branca Vianna Moreira Salles. Provavelmente terão informações sobre a Bete Hart.

**4- Como lidar com as situações inesperadas, interpretar piadas e mudanças de última hora?**

Num determinado país traduzindo durante um jantar protocolar, o anfitrião perguntou: “Gostou do livro que lhe mandei sobre o meu país?” E a resposta dada foi: “Ah eu não tive a menor chance de abri-lo”. Eu traduzi: “Muito obrigada! Agradeço muito a sua gentileza, gostei imensamente do livro.” Foi algo inesperado. A postura de cortesia evitou um constrangimento. Essa habilidade é muito importante nas relações internacionais.

**5- O que define a profissão de intérprete em sua opinião?**

Essa pergunta preciso de tempo, pela importância.

Em qualquer situação onde você está permitindo compreensão entre duas pessoas, que sem você não estariam se comunicando e você permite com um bom trabalho que as coisas funcionem porque através do intérprete um dos lados passará a confiar no outro. Por exemplo, numa negociação de compra de aviões do Xingu, produzidos pela Embraer, instilando no comprador confiança, ele vai fechar o negócio. Mas o intérprete tem que ter essa firmeza para fazer o outro confiar no que está sendo dito. Isso é muito importante. Acontece em reuniões políticas, *Ongs* internacionais, campanhas de ajuda à Amazônia, comunicados e técnicas cirúrgicas para médicos, transmitidas por robôs... A importância da tradução está aí. Existe aí. Isso nos move a querer seguir a profissão.

**6- Você teria ideia sobre como Elizabeth Hart definiria essa profissão?**

Diria algo bem parecido pois ajudou muitas delegações internacionais e ajudou a se tornar realidade, junto com os colegas.

**7- Você, Elizabeth Hart e outros profissionais da interpretação escrevem/escreviam artigos sobre como um profissional da interpretação deve/deveria se formar / graduar? Há algum tipo de registro dos desafios e também prazeres da profissão que eu possa consultá-los?**

Atualmente na APIC, existem comitês para fazer esse tipo de divulgação. Existe uma diretoria maravilhosa, jovens como a Laura Mortara, Clary Khalifeh.

**8- Atualmente estamos vivendo uma situação inédita de grandes mudanças devido à pandemia do Coronavírus. Você diria que a RSI – *Remote Simultaneous Interpreting* já era uma tendência de mudança antes da pandemia? Havia uma adesão por parte dos intérpretes ou está sendo uma mudança imposta pela pandemia?**

A mudança e adaptação a esse novo formato remoto foi imposta pelas circunstâncias. Graças à tecnologia está sendo possível prestar o serviço de interpretação. O Brasil em termos de números de reuniões realizadas remotamente, está se destacando. Acredito que quando a pandemia passar alguns eventos retornarão à forma presencial e outros continuarão sendo de forma remota, sendo uma opção a mais para a realização de eventos.